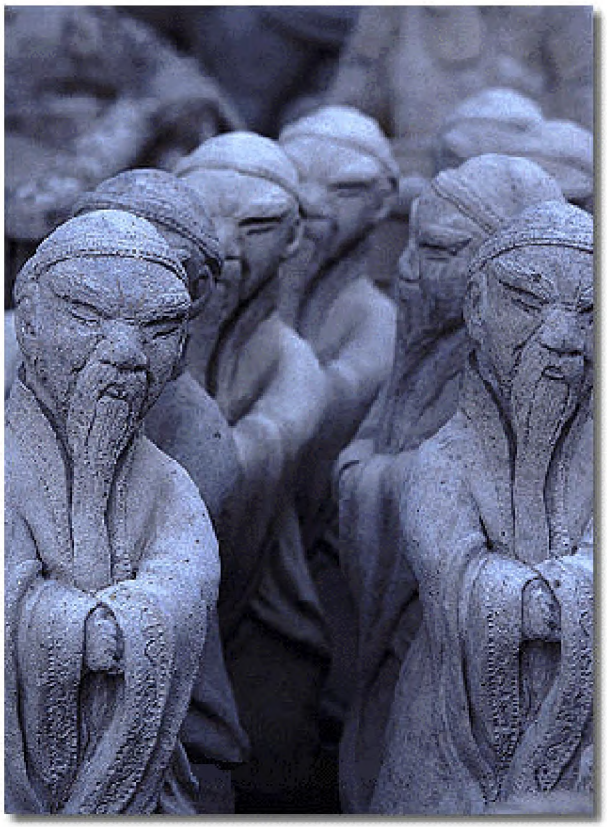
História da China Antiga



André Bueno

Digitized by Google

Introdução

A aventura da China continua. Como a civilização indiana, é uma das mais antigas do mundo, com uma História que continua a evoluir desde sua gênese até os nossos dias. Esta é uma marca fundamental do Oriente: a antiguidade continua viva, e temos a oportunidade de vislumbrar as permanências dos tempos clássicos no pensamento, na cultura e nos hábitos. Não obstante o interesse científico que ela pudesse despertar pelo seu passado, a China é, além disso, uma das maiores nações dos tempos atuais. É o país que mais cresce economicamente, que tem a maior população, a língua mais falada no planeta, e um sistema de escrita que serve de base (e pode ser compreendido) por diversas outras nações que não falam chinês. Nos tempos passados, a China havia conseguido constituir um dos maiores impérios da humanidade se valendo de cavalos, flechas e um sistema burocrático eficiente. Teria sido também a sociedade tecnicamente mais avançada do mundo em vários campos até o século 16, quando os europeus consolidaram uma série de avanços no ramo da ciência que inverteram a hierarquia de poder entre os Estados mundiais, estabelecendo o período das "grandes descobertas e conquistas" - embora uma parte substancial do que os europeus "descobriram" já fosse bem conhecido por outros povos.

O pensamento chinês se difundiu de forma poderosa por outras paragens; o confucionismo foi absorvido como ética social e de trabalho no Japão e Coréia; o Budismo, vindo da Índia, foi adaptado pela cultura chinesa, que empreendeu sua divulgação por vários outros países através de versões próprias, como a Chan (em japonês, Zen), sem contar o trabalho de várias outras escolas cujas discussões filosóficas antecederam em séculos seus similares europeus.

Mas então, a pergunta que fica é a seguinte: porque sabemos tão pouco sobre a China? Porque continuamos a ignorar a existência desta civilização, suas contribuições ao pensamento e a ciência mundial, e principalmente, seu ressurgimento e ascensão no mundo moderno? A explicação que podemos apresentar é simples e, no entanto, problemática.

Digitized by Google

O Ocidente conseguiu, no século 19, empreender o desmembramento e a dominação das nações asiáticas e africanas. Este processo, marcado pela violência e pela avidez, pôs em cheque as realizações das culturas orientais, como se tais fossem "atrasadas", "inferiores", etc. criando um discurso marcado pelo racismo e pelo desconhecimento, e difundindo a falsa concepção de que as culturas ocidentais ofereceriam as ideologias predominantes do futuro mundial fomentando, por conseguinte, a idéia de que só seria interessante igualmente estudar e analisar aquilo que fosse europeu ou norte americano.

Não foi preciso muito tempo para demonstrar que esta concepção era totalmente falha: desde cedo, se os orientais se preocuparam em absorver elementos da cultura ocidental, foi tão somente para reforçarem suas próprias estruturas de vida. É o que observamos no caso do Japão, durante a primeira e segunda guerra, e no caso do Vietnã, da Coréia do Norte, entre outros. Tais processos de resistência, aos quais se somam a revolução comunista chinesa, a vitória da libertação da Indonésia e mesmo a independência da Índia nos fazem questionar se o que o Oriente absorveu, da cultura Ocidental, não foi somente aquilo que poderia ser utilizado em função da sua própria auto-determinação. E essa idéia parece ser procedente. Seria um engano acreditar que apenas dois séculos de dominação direta poderiam desarticular o desenvolvimento de culturas milenares, apagando suas manifestações e tornando-as um passado remoto. Mas é um erro pensar, também, que estas mesmas civilizações não se encontravam em momentos complexos de sua existência, e talvez mesmo de colapso, quando da chegada dos europeus em seus territórios; pois, se assim não fosse, dificilmente as mesmas teriam sido dominadas.

Há que se levar em conta, por fim, que toda uma conjuntura propiciou ao Oriente sua derrocada; mas também, que neste mesmo tempo, estes povos foram capazes de rearticular seus modos de vida dentro de um padrão que congraçava, habilmente, elementos de sua própria cultura com as novidades vindas do exterior, propiciando seu soerguimento nos dias atuais.

Mas são os elementos introdutórios da História da China que nos interessam neste livro: nosso intuito é percorrer, na antiguidade chinesa, o processo de desenvolvimento desta civilização, buscando

Digitized by Google

observar o surgimento de uma série de instituições e práticas culturais que nos levem a compreender como se deu a construção de suas estruturas sociais, políticas e econômicas. Iremos analisar de forma sucinta o período que abrange desde a Proto-História até a constituição das dinastias e do primeiro grande império chinês, o Han, no século 3 a.C. - 3 d.C.

Esperamos, com esse nosso pequeno trabalho, suprir um pouco da carência que se existe no âmbito universitário quanto ao estudo das culturas orientais. Dentro de nossa proposta utilizaremos, ao máximo, livros e fontes que estejam em língua portuguesa e espanhola, objetivando facilitar o acesso ao estudo da cultura chinesa pelos interessados; mas, quando necessário, deixaremos indicados os textos em outros idiomas. Não é, de forma alguma, uma apresentação definitiva da História deste povo que, aliás, continua em construção; mas é uma proposta séria de introdução ao tema, que tem merecido mais atenção de nossa parte. Como afirmou o grande sinólogo Marcel Granet: "A civilização chinesa merece mais do que a simples curiosidade. Ela pode parecer singular, mas (é um fato) nela se encontra registrada uma grande soma de experiência humana. Nenhuma outra serviu de vínculo a tantos homens, durante um Período tão grande. Quem pretende ter o título de humanista, não deve ignorar uma tradição de cultura tão atraente e tão rica em valores duráveis" (1979).

Quando o povo é esclarecido e cioso sobre o seu passado, isso é demonstrado pelo ensino da História.
Confúcio, Liji, 26

Digitized by Google

Construção da História Chinesa

A China já produzia sua História e métodos historiográficos próprios muito antes da chegada das concepções européias de ciências humanas no século 19. E - diga-se de passagem - estes métodos eram tão bem articulados que os primeiros pesquisadores estrangeiros aceitaram, por diversas vezes, as versões chinesas sobre o seu próprio passado sem muito discutir (Watson, 1969: 11-6 e Gernet, 1979: 29-36).

A História chinesa começou a ser redigida tendo por mister resgatar uma idéia de passado que servisse de modelo para as gerações futuras. Assim sendo, os chineses começaram, desde cedo, a empreender a prática de registrar, analisar, recolher dados e fixar eventos como forma de referendar certas concepções de universo e sociedade nas quais se viam inseridos.

Confúcio

Os dois primeiros grandes historiadores chineses teriam sido Confúcio (Kong Fuzi), que teria vivido no século 6 a.C. e que se tornou famoso pela escola de pensamento desenvolvida a partir de seus ensinamentos; e Sima Qian (século 2-1 a.C.), o "pai" da História chinesa, que desenvolveu os métodos de pesquisa empregados na redação dos registros dinásticos até o fim da era imperial. Isso não quer dizer que antes disso a China não houvesse produzido textos históricos; mas Confúcio foi o primeiro grande recuperador e editor destes conteúdos - como a sua produção comprova-, enquanto Sima foi o organizador da primeira cronologia histórica "definitiva" das dinastias antigas, bem como biógrafo dos grandes nomes da história e do pensamento chinês.

Soma-se isso ao fato da cultura chinesa apreciar com gosto a tradição enciclopedista: no mesmo século 6 a.C., grande parte dos autores que integravam as diversas escolas filosóficas haviam tido experiências trabalhando no acervo de bibliotecas particulares ou dos governos locais. Este material literário, que aparentemente já era produzido em larga escala, serviria de base tanto para Confúcio quanto

Digitized by Google

para Sima Qian (ainda que em épocas distintas) redigirem seus escritos.

A idéia que temos é que estes conjuntos de escritos açambarcavam diversos ramos do saber, desde arte até ciências e História. Na dinastia Han temos o conhecimento de que obras abrangentes (que teriam inspirado, séculos depois, as enciclopédias ocidentais) já eram produzidas, com o fim de instruir os elementos candidatos a burocracia em todos os níveis de avaliação exigidos (Guignard, 1957).

Confúcio, portanto, teria se valido deste arcabouço para eleger aqueles que seriam os livros tidos como clássicos na literatura chinesa: o Shu Jing (Livro das Histórias), o Shi Jing (Livro dos cânticos), o I Jing (Livro das Mutações), o Li Qi (Livro dos Rituais), o Chun Qiu (os Anais das Primaveras e Outonos, acrescido de comentários posteriores denominados Zhuo Quan) e o Yue Jing (Livro da Música - este, perdido). Destes, dois são objetivamente históricos: o Shu Jing e o Chun Qiu. O Shi Jing e o Li Qi nos dariam idéias de como seriam os hábitos e práticas culturais e sociais do período Zhou (mas que Confúcio transpõe igualmente para os períodos mais anteriores da História Chinesa); e por fim, o I Jing, que seria um livro sobre as formas primitivas de pensamento e ciência chinesa, bem como de importante uso oracular e religioso.

Sua preocupação, porém, era arrumar o conhecimento contido nos textos de acordo com sua pregação moral, sem fazer um trabalho de análise da veracidade das fontes. Este problema não parecia ser sua preocupação mais importante: os exemplos, dados pelos grandes personagens históricos, é que bastavam por si só para ilustrar as idéias por ele defendidas: "Quem, ao repassar o velho, descobre o novo é apto para ser mestre" (Lunyu, 2). E não é impossível, por conseguinte, que Confúcio mesmo acreditasse nestas versões com fé, tendo em vista sua veneração pelo passado: "Eu transmito, não invento nada. Confio no passado e o amo" (Lunyu, 7).

Mas seu trabalho é um divisor de águas no desenvolvimento da História Chinesa: é ele quem constrói a primeira grande versão da história antiga que envolve as dinastias, os personagens míticos e a realidade de sua época. Outros escritos do gênero - como os Anais de Bambu, descobertos recentemente - indicam que há uma grande

Digitized by Google

probabilidade de Confúcio ter condensado, pela primeira vez, uma única versão histórica abrangente utilizando-se, para isso, de versões do Shu Jing, que tal como os outros livros, existiam anteriormente ao seu período de vida.

O poder desta realização se faz sentir na própria existência das outras escolas de pensamento que foram contemporâneas ou posteriores ao Mestre: apesar de cada uma delas ter legado seus escritos, nenhuma produziu um texto histórico ou uma versão do Shu Jing que tenha sobrevivido. Parece-nos que era mais fácil as mesmas se utilizarem da versão confucionista para tecer seus próprios comentários e críticas.

Obviamente, as obras de Confúcio foram alteradas em períodos posteriores por diversos autores, muitos deles seguidores de sua escola (Yutang, 1957:131-142). Na época da dinastia Qin (3 a.C.), quando ocorreu a primeira grande queima de livros que se tem notícia, as obras do pensamento confucionista foram perseguidas e destruídas em grande número, o que fez com que houvesse uma disparidade patente entre as versões sobreviventes que foram redigidas durante a época da dinastia Han.

Por conta disso, o trabalho realizado por Sima Qian (2-1 a.C.), o Shi Ji, ou Registros Históricos, situam-no como o primeiro grande Historiador de fato não só da dinastia Han como de toda a China antiga e posterior.

No vácuo deixado pelo trabalho de Confúcio, várias outras obras históricas foram produzidas, mas em geral era fragmentárias e pouco abrangentes. O Caos vivido pela época dos Estados Combatentes legou uma grande quantidade de Anais de cunho local, restritos a existência breve e conturbada de efêmeros reinos, cuja sobrevivência era bastante volátil. Foi com base nestas reminiscências que o pai de Sima Qian, Sima Tan, historiador da dinastia Han, iniciou, por conseguinte, a redação de uma História da China que tivesse início nos tempos mais antigos e que culminasse com a glória da dinastia Han, em todo seu poder e força. Sima Tan morreu, porém, antes de construir seu trabalho: coube ao seu filho, Sima Qian, continuá-lo, o que fez de forma brilhante.

Digitized by Google

Sima Qian

Inicialmente, Sima Qian se encarregou de verificar a veracidade das informações contidas nos registros históricos, inclusive nos escritos da escola de Confúcio. Utilizando o apoio e os recursos financiados pela burocracia imperial, coletou de informações em diversas regiões do império, que depois ele iria cruzar e avaliar. Partindo desta premissa, não se limitou a fazer versões que conjugassem os dados obtidos, mas tentou analisar, dentro de uma perspectiva crítica, qual das versões existentes parecia ser a mais razoável. Comparou o resultado destas observações com as tabelas astronômicas que continham os registros de eclipses e posições astrológicas, verificando a autenticidade da datação dos acontecimentos. E ainda, sendo meticuloso ao extremo e sincero no seu trabalho, criticou tanto os personagens de sua história quanto sua própria incapacidade, por vezes, de detalhar melhor a biografia das pessoas e acontecimentos.

O resultado disso era sua afirmação de que sua obra não poderia assegurar a validade dos acontecimentos até o ano de 841 a.C., quando então as fontes estariam por demais obscuras. Hoje, estão comprovadas, por uma série de análises arqueológicas e textuais que as datas apresentadas no Shi Ji estão corretas, realmente, até onde seu autor podia assegurar! (Gernet, 1969:29-36)

Supõe-se que o trabalho deste autor tenha ainda sofrido a influência do confucionismo cosmológico de Dong Zhongshu, fortemente calcado nas teorias da escola Wu Xing, ou escola das Cinco Energias. Esta corrente do pensamento chinês, que seria depois uma das bases da ciência tradicional, defendia um sistema no qual os ciclos de reprodução e destruição mútua dos cinco elementos (ou identidades) básicos da natureza representavam a manifestação da ordem cósmica, e se reproduziam em todas as instâncias da existência. Sima Qian teria se utilizado, provavelmente, destas concepções para modificar ou interpretar certos acontecimentos históricos, o que surpreendentemente não altera de fato seus conteúdos, mas sim suas análises em certos pontos. (Granet, 1979)

Um destacado seguidor da linha de Sima Qian foi Ban Gu (1 d.C.), que foi o redator do Han Shu, ou Anais de Han. Mais conciso e menos crítico, Ban Gu se limitou a fazer somente uma história de sua Dinastia,

Digitized by Google

até o período da grande divisão (9-22 d.C.), no que ele praticamente completa o trabalho do Shi Ji, finalizando a longa cronologia estabelecida pelo seu predecessor. E, a partir desta época, o modo de se fazer história ganhará uma certa uniformidade, sendo essencialmente o mesmo que se manterá até o final do império.

Desta forma, analisemos a seguir as fontes utilizadas na construção e no estudo desta antiguidade chinesa e os períodos históricos elaborados pelos mesmos.

Digitized by Google

Documentação Chinesa

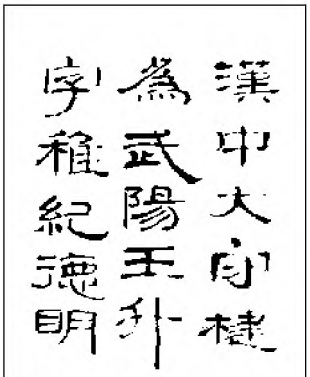
Um trabalho sobre a China Antiga não seria completo se não utilizássemos uma gama variada de fontes, datadas basicamente a partir da época de Confúcio, como foi visto. Uma extensa coleção de livros era a base, já na época Han, para o estudo e a compreensão da cultura e do passado da China. No mesmo período, já havia também uma certa preocupação em se determinar a época, o estilo e as formas de alguns objetos artísticos, culminando com a criação de pequenos museus e antiquários particulares, onde especialistas trabalhavam, tal como os bibliotecários, para determinar as condições históricas de uma peça (Paul-David, 1957). Muito provavelmente seus métodos eram os mesmos do Shi Ji: recolher, comparar e analisar. Mas tal contribuição no campo da análise material não foi de grande valia, ao que se saiba, para os antigos chineses, servindo com interesse, realmente, a arqueologia moderna (que abordaremos adiante).

Voltando as nossas fontes literárias, os chineses elaboraram classificações diversas das obras que julgavam serem as mais importantes para o estudo de sua própria História e Cultura, e no século 1 a.C. já se havia estabelecido uma categorização para classificar os textos. O sábio Cai Yong (133-192) (Gernet, 1969:158) fixou, depois, o conteúdo dos seis clássicos (hoje, somente cinco) que seriam a base fundamental de estudo da cultura, como proposto por Confúcio: o Shu Jing, Shi Jing, I Jing, Li Qi, Chun Qiu e Yue Jing. Na divisão estabelecida durante a Dinastia Han, além destes tratados tidos como básicos, as categorias que se seguiam eram: os textos Históricos (Shi Ji e o Han Shu) e os Livros das escolas de pensamento, sub-divididos em; Escola de Confúcio (Lunyu, ou Conversações, Daxue, ou Grande Ensinamento, Zhongyong, ou Doutrina do Meio e o Livro de Mengzi, ou Mêncio, recebendo depois a adição do Xiao Jing, ou Clássico da Fraternidade, e o livro de Xun zi); Escola do Tao (Dao De Jing, ou Livro do Caminho e da Virtude, de Lao zi, o livro de Lie zi, o livro de Zhuang Zi e ainda, um tratado intitulado Huainazi); Escola Legista (o livro de Shang Yang e o Han Fei zi); Escola Moísta (o livro de Mozi); e por fim, uma parte em aberto onde eram agrupados os diversos tratados de outras escolas e de vários gêneros tidos como não clássicos, mas importantes.

Por isso mesmo, essa classificação arbitrária não impedia que vários outros livros existentes não fossem lidos e trabalhados amplamente. É o caso do Nei Jing, ou livro Interno, um tratado de

Digitized by Google

medicina e ciência antiga utilizado pela Escola de pensamento do Yin-Yang e pela Escola Wu Xing; havia também o famoso Sun Zi Bing Fa, ou o Livro da lei da Guerra de Sun Zi, datado da época dos Estados combatentes; o Zushun Jiniam (o citado Anais de Bambu) e o Yantienlum, ou Tratado do sal e do ferro, texto datado provavelmente da época Qin, sobre questões econômicas; somam-se o trabalho de Wang Fu (Qianfulun - uma coleta de textos críticos ao regime e a sociedade da época), Wang Chong (Luheng, um longo texto de reflexões críticas sobre a filosofia e a ciência) e o de Cui Shi (Zhenglun - um tratado sobre a razão de Estado dos Han), entre vários outros, o que demonstra, por fim, como eram variadas as fontes nas quais os chineses podiam beber para construir sua própria história.



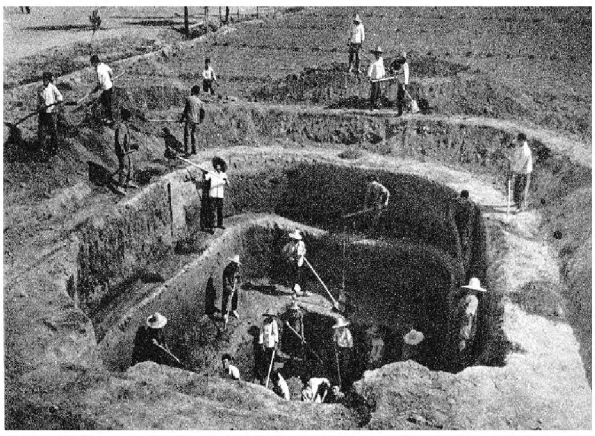
Fragmento de texto em estilo padrão – a forma dos caracteres, tal como aqui presente, surgiu na época Qin – Han e mantém-se até hoje.

Assim, esta concisa apresentação tem apenas por objetivo mostrar o que os próprios chineses consideravam como básico para se ler: o que não quer dizer que lessem somente isso, mas o que não quer dizer também que todos conseguissem ler, ao menos, uma parte destes conteúdos; o que nos faz concluir que, na China, a produção da História e da Cultura estava (como em várias outras partes do mundo) fortemente vinculada à elite. A partir desta época teremos ainda uma fixação mais definitiva dos textos antigos, que sofrerão alterações ocasionais mantendo, no entanto, uma forma razoavelmente estável até as versões atuais. E, com os elementos arqueológicos, vamos construindo os modelos de que dispomos - pois esta é um das ciências que mais tem contribuído para o conhecimento da China Antiga.

A Arqueologia têm resgatado do fundo da terra as imagens de uma civilização rica, desenvolvida e poderosa desde a antiguidade. Já no início do século 20 se descobriam as carapaças de tartaruga com inscrições antiqüíssimas - origem remota da escrita chinesa, que lhe deu base e a sustenta como a escrita em vigência mais antiga do mundo; ao mesmo tempo, expedições pela Ásia central revelavam os incríveis depósitos de textos antigos de Dunhuang, bibliotecas até hoje a serem traduzidas em sua complitude, dada a quantidade magnífica de achados; e na década de 50, as tumbas Shang de Anyang revelam o mundo dos bronzes antigos, confirmando listagens antigas de nobres e

Digitized by Google

reis da antiguidade, e alçando a cronologia chinesa à uma época cada vez mais distante.



Trabalho de escavação da tumba Shang de Fuhao – este sítio é uma das principais fontes de conhecimento que temos sobre a Dinastia, com uma imensa riqueza material e uma ampla gama de informações.

No seguir das décadas de 60 e 70, temos as descobertas de tumbas antigas da época Zhou e Qin, incluindo aí a famosa tumba do Marques de Yi e o colossal mausoléu dos guerreiros de terracota de Qinshi Huangdi - enfim, a arqueologia chinesa têm promovido a descoberta de evidências, materiais e obras de arte que falam por si próprios perante os documentos, mas que muitas das vezes os complementam e os revelam. Sima Qian terá sua cronologia comprovada; a tumba de Qinshi Huangdi demonstra também que seu relato sobre a magnífica cripta não era exagerado. As documentações chinesas, pois, exigem uma grande habilidade para serem trabalhadas, manipuladas e analisadas, mostrando a complexidade e profundidade desta cultura (ver Watson, 1969 e Thorp*, Reinos Soterrados da China*, Abril; 1998).

Digitized by Google

Cronologia Tradicional

Os antigos chineses foram, talvez, o único povo do mundo a não ter um mito universal de criação. Se o tiveram, era tão pouco importante que não fizeram nenhuma menção a sua existência. Somente na época dos Han é que um mito deste gênero virá fazer parte do folclore chinês, sendo importado provavelmente das áreas que haviam sido recentemente conquistadas no sul do território; e ainda assim, será deslocado da mitologia tradicional e não será comentado pelos grandes historiadores da época. (Watson, 1969:11-15 e Campbell, 1999:291-344)

A História chinesa já começa nos seres humanos. Os tempos antigos, primitivos, reminiscências prováveis dos períodos proto-históricos, são aqueles nos quais os chineses recebem os enviados do céu para aprenderem o que precisam para viver (Campbell, 1999:291-300). Esta, com certeza, era uma projeção que os "historiadores" pouco anteriores a Confúcio, já realizavam sobre o seu próprio passado, humanizando os elementos primitivos e lendários que existiriam na suas antigas cronologias, como a do Shu Jing. Este período antigo dividir-se-ia entre a época dos três patriarcas e a época dos Cinco soberanos, que antecederiam a primeira dinastia da China, os Xia.

O período dos três patriarcas é uma construção resultante de fragmentos de documentações diversas e de reproduções iconográficas tardias (Granet, 1979:27-34). Constituiria-se no momento em que, nos primórdios da humanidade chinesa, um enviado de nome Fuxi teria vindo a terra ensinar os seres humanos a caçar, pescar, fazer o calendário, estruturar as instituições sociais e de governo. Teria também deduzido e ensinado os Guas, ou trigramas, utilizados posteriormente no I Jing, através da observação da Natureza.

A primeira referência a esta figura lendária aparece nos comentários de Confúcio ao mesmo I Jing. (Wilhelm, 1988:158) Com Fuxi teria vindo sua irmã (ou esposa) Nu Gua, que teria sido a inventora do ferro e da administração e, por fim, Shen Nung, inventor da medicina e da agricultura, o que o destacou, posteriormente, no panteão dos deuses populares (Granet, 1979 e Palmer, 1993:21-33). Estes três primeiros patriarcas teriam corpos e atributos de animais, o que indica que sua fixação teria se dado num estágio de transição da religião chinesa das práticas zoomórficas para o antropo-zoomorfismo,

Digitized by Google

sendo talvez uma sobrevivência dos tempos e crenças xamânicas (Ibdem Granet, p.27-34).

Neste afresco datado da Dinastia Han, Fuxi e Nugua aparecem representados na parte de baixo, com corpos humanos e caudas de cobra no lugar das pernas. Não se sabe se esta é uma representação mitológica ou apenas uma licença artística do autor.

Estes três enviados são substituídos pelos Cinco soberanos, dentre os quais se destacam o primeiro, Huang Di, o Imperador Amarelo e os últimos, Yao e Shun (Yutang, 1959: 131-149). O mesmo Shun que entregou o poder nas mãos de Da Yu (o Grande Yu) (idem, 149-154) para que este resolvesse o problema das inundações chinesas (tal como o Noé ocidental, mas que ao invés de construir uma arca, fez barragens, diques e canais, o que torna totalmente humana a questão do "dilúvio" chinês) e que seria o fundador, depois, da Dinastia Xia. Huang Di teria sido um imperador místico, patrono da medicina, da magia, das armas e do poder. Os outros governantes, tal como Yao e Shun, porém, já haviam ganho um ar muito mais humano, e a própria narrativa do Shu Jing reforça isso. O Shi Ji também não deu muita importância à veracidade da mitologia que envolvia Huang Di, tratando-o mais como um modelo.

Existia, porém, na época Han, uma discordância em torno desta cronologia inicial. A primeira linha, tida como ortodoxa, de forte influência confucionista, tendia a só aceitar os personagens indicados nas obras de Confúcio, o que praticamente reduzia a história à presença de Fuxi, Shen-Nung, Huang Di, Yao e Shun como os primeiros governantes antes de Yu. A minimização dos outros soberanos e a não inclusão de Nu Gua nesta linha não eram preocupações destes estudiosos, mais interessados nos aspectos simbólicos e filosóficos das narrativas. Uma segunda linha, originada na obra de Sima Qian, entrevia com clareza existência dos cinco soberanos e aceitava a complementação dos três primeiros patriarcas, somando um número de oito personagens fundamentais. A atitude deste autor de incluir no Shi Ji uma visão completa destes sábios governantes parecia corresponder à crença na escola Wu Xing e nos ciclos dos Cinco elementos, que somados aos três patriarcas (o que formava a base do Gua, um trigrama) completavam o número de oito, tais como os oito Guas do Ba Gua. (Granet, 1979: 92-155)

Digitized by Google

Controvérsias à parte, a não-ortodoxia do Shi Ji terminou por prevalecer, valendo sua versão. Não devemos esquecer, porém, que estes personagens não eram invenção de Sima Qian, já existindo em outros compêndios históricos.

Após os Cinco soberanos, a realeza Xia teria sido a primeira a receber o Mandato do Céu (Ming Tien), uma investidura gerada pelos deuses e ancestrais para que os sábios administrassem o homem e a terra. O ideograma Wang (rei), composto de três traços horizontais e um vertical(王), que os corta, corresponde diretamente a esta concepção: que o soberano é alguém encarregado de unir o céu, a terra e o homem. O Mandato se extinguiria quando uma dinastia perdesse suas virtudes (De), o que correspondia a um movimento cíclico, reprodução direta da ordem cósmica e da natureza, inexoravelmente ligado aos processos de decadência e renascimento do universo. Tais concepções, no entanto, são tidas atualmente como uma transposição dos Zhou ao passado, e uma versão histórica mais atual e palpável entende que o objetivo desta proposta ideológica era fomentar a idéia de uma antiguidade perfeita e harmoniosa, justificadora do poder desta dinastia. Aliás, esta, de fato, é que inaugura a prática do Mandato como ritual político (ver o Lunyu, 20).

Os Xia teriam sido substituídos, em sua fase de decadência, pelos Shang (Yin), em torno do século 20-15 a.C. (Shiji, 3) Com uma cultura tecnicamente avançada, os Shang aparecem na História chinesa como os grandes empreendedores do politeísmo antropomórfico (e dos holocaustos humanos), dos carros de guerra e de uma escrita que aparece fartamente representada nos ossos e carapaças oraculares de tartaruga. Uma sucessão de confrontos políticos, intrigas e guerras culminam com a decadência dos mesmos, o que permitiu a ascensão dos Zhou ao poder em torno do século 10 a.C. Estes fundam um novo sistema político, baseado na divisão feudal da terra, onde um grupo de nobres trocava seu apoio à casa de Zhou por propriedades e bens. Uma nova fase de expansão do território, inaugurada pelo início bem sucedido desta política, colocou os Zhou em contato com os "bárbaros" do norte (que já ameaçavam os Shang), lançando-os num processo interminável de guerras que - num período posterior - forçaram, inclusive, a transferência da capital, sob ameaça de invasão nômade. Assim, o sistema feudal chinês terminou por implodir na disputa pelo poder político e pelos territórios. A época que vai até o século 6 a.C. (época de Confúcio) seria conhecida como época das Primaveras e Outonos, contidas nos anais do Chun Qiu e no Zhuo Quan. Neste

Digitized by Google

momento, diversos conflitos e violações das fronteiras entre os reinos e os pequenos Estados que formavam o "império" Zhou forçaram os chineses a reverem suas posições diante do mundo e da sociedade. É o que caracterizou o período das Cem escolas de pensamento, no qual surgiram confucionistas, taoístas, legistas, moístas, entre outras de menor relevância. Esse momento acabou por se ver engolido pelos acontecimentos políticos da época, que numa crescente escalada de violência culminaram com o período dos Estados Combatentes (datado tradicionalmente entre 481-221 a.C.), quando se formaram os sete principais Estados que lutariam pelo poder até a vitória de Qin, em 221 a.C., resultando na unificação de todo o Império em um novo sistema de governo centralizado.

Influenciado pelos legistas, o primeiro auto-proclamado imperador Qin, Qin Shi Huang Di, estabeleceu sua dinastia sob novas bases, concentrando o poder em suas mãos e criando uma administração forte e eficiente, que regulava a vida social e econômica da população. Foi um período de grande desenvolvimento técnico, mas também de perseguição intelectual e política, quando ocorreu, inclusive, uma grande queima de livros tidos como ortodoxos e retrógrados.

Mas seu reinado foi efêmero, tal como sua dinastia: apesar das grandes realizações, como o início da construção da grande muralha para a proteção contra as tribos do Norte, ou mesmo da unificação da escrita, Qin Shi Huang Di não era bem quisto, e após sua morte em 210 a.C., nenhum de seus sucessores conseguiu se manter. Depois de quatro anos de lutas, um ex-camponês e pequeno funcionário de nome Liu Bang fundou aquela que seria realmente a primeira grande dinastia chinesa: os Han.

O período Han foi próspero para a China Antiga, desenvolvendo o comércio, as relações internacionais, expandido as fronteiras e fazendo uma administração mais justa e menos asfixiante que os Qin. Nesta época adota-se o confucionismo como doutrina oficial de governo, apesar de algumas estruturas anteriores serem mantidas. Após um interregno, ocasionado por um golpe articulado por opositores do regime, interessados na restauração dos antigos costumes (o governo de Wang Mang, de 9-22 d.C.), a dinastia Han se restabeleceu e conseguiu governar novamente até o século 3 d.C., quando se desestruturou por completo, dando margem a uma nova época de fragmentação. No entanto, as bases para a estrutura imperial já haviam

Digitized by Google

sido lançadas e, depois dos Han, as outras grandes dinastias teriam o trabalho de recuperá-las.

Digitized by Google

Historiografia Moderna

Na Europa, os estudos sobre a China foram bastante imprecisos até o início da Era moderna. Antes disso, versões históricas como a de Marco Pólo, atualmente bastante discutíveis, eram utilizadas e aceitas como adequadas (Wood, 1997).

A virada nessas concepções veio com o impacto das navegações mundiais realizadas no século 16. Ao se depararem com uma realidade bem diferente daquela concebida pelos seus antecessores medievos, portugueses e espanhóis tiveram que por mãos à obra e iniciaram uma pesquisa maior sobre as civilizações do Oriente, ainda que sobre o seu prisma colonialista e essencialmente cristão. A iniciativa lusa, em especial, rendeu frutos, já que os missionários por eles levados para as colônias orientais foram, por muito tempo, a fonte principal de informações que toda Europa recebia. Com grande sucesso, os mesmos conseguiram se instalar nas cortes chinesas, possuindo uma significativa influência na assessoria aos assuntos estrangeiros até o século 18.

Neste mesmo período, porém, vemos que o interesse econômico e político de Inglaterra, França e Holanda haviam aumentado significativamente em relação ao Oriente, e o declínio do poder Ibero abriu as portas dessas civilizações a novos contatos.

Este processo foi acompanhado pela evolução da cultura e do pensamento ocidentais. Toda uma geração de pensadores franceses, alemães e ingleses buscou avidamente identificar e analisar as formas de filosofia e história vindas de China e Índia. O fascínio despertado pelas teorias confucionistas, por exemplo, puseram variadas vezes em xeque as realizações do proselitismo cristão. Mas este foi um período de intensas trocas de informações e conhecimentos entre ambas as partes do mundo, sem que houvesse (vale ressaltar), uma predominância Ocidental nesta via, como muitas vezes a História moderna tenta passar.

As abordagens mais sérias sobre a China só começaram, no entanto, a partir do século 19. Isso de deve a alguns fatores bem definidos: o Império chinês, até então, era bastante fechado à presença de estrangeiros, com exceção dos portugueses, restritos à Macau (Peyreffite, 1997). Estes períodos de xenofobia são cíclicos na História chinesa, devido às ameaças de invasão do território: os chineses já

Digitized by Google

haviam vivido sobre o domínio de uma dinastia estrangeira (os Yuan, 1280-1368) e, nesta época, além da presença Ocidental, viviam sob o julgo de outra dinastia estrangeira, os Qing (1644-1911, de origem Manchu). Os traumas decorrentes destes períodos complicados, somados a incapacidade (e má vontade) dos estrangeiros em compreender a cultura chinesa gerou, por conseguinte, uma série de preconceitos e enganos. Foi preciso uma evolução dos métodos historiográficos e sociológicos para que as relações culturais pudessem se flexibilizar e se distender entre europeus e chineses. O momento inicial desta mudança foi, justamente, o conturbado final do século 19.

Podemos adicionar a estes problemas o fato da China ter uma história milenar e complexa, e somente por caminhos tortuosos e fatigantes o monólito desta estrutura começou a ser dissecado, analisado, investigado e valorizado por suas características singulares e impressionantes.

Os primeiros historiadores modernos da China foram essencialmente literatos, que no período dos séculos 19-20 iniciaram o trabalho de tradução das obras clássicas e pesquisa dos "fatos" históricos. Duas vertentes se destacaram nesta época: a primeira, que creditava legitimidade à cronologia clássica chinesa, devido à sua aparente coerência; e a segunda, que tentou adaptar o modelo clássico greco-romano para o contexto indu-chinês. Assim sendo, a primeira corrente considerava a legitimidade dos conteúdos culturais chineses, conquanto a segunda tentava delimitá-la como uma manifestação aperfeiçoada da sociedade indiana.

Atualmente, História e Arqueologia tendem a comprovar a originalidade cultural da China e, embora a cronologia tradicional já não seja aceita sem as correções e análises posteriores, a segunda vertente (indu-chinesa) verificou-se uma construção totalmente irreal. No entanto, esta concepção se arraigou fortemente nos meios acadêmicos e no senso comum, o que nos gera, até hoje, uma série de enganos na interpretação e na análise do Oriente, tanto antigo quanto moderno.

Nesta fase dos estudos chineses (sécs. 19 e 20), podemos destacar importantes autores como Herbet Gilles, James Legge (ambos ingleses) e Edouard Chavannes, da França. Este último é considerado, em particular, o "pai" da moderna Sinologia francesa, por seus métodos amplos e abrangentes, que buscavam conjugar Arqueologia, Literatura e História, realizando basicamente um trabalho interdisciplinar.

Digitized by Google

Seu grande seguidor, e um dos maiores especialistas em China que o mundo já conheceu foi Marcel Granet, que nas primeiras décadas do século 20 produziu livros diversos que, em muitos pontos, continuam atuais até os dias de hoje. Não obstante ser um grande Sinólogo, Marcel Granet também foi um especialista em métodos históricos e sociológicos, tendo formado vários dos autores que dariam ensejo à formação da Escola dos Annales, contribuindo na crítica e na reformulação das técnicas de análise sobre as culturas.

As guerras trouxeram para a China, no entanto, uma séria interrupção dos trabalhos históricos e arqueológicos. Em 1928, por exemplo, haviam sido descobertas grandes coleções de inscrições Shang-Yin em carapaças de tartaruga, fomentando a revisão das cronologias tradicionais em função da análise de genealogia dos ideogramas. No entanto, na primeira década do século 20 a China havia derrubado a Monarquia e instalado a República. E, na década de 30, já estava sendo invadida pelo Japão. Logo, houve muito pouco tempo para realização destes trabalhos inovadores com regularidade. Depois, com a segunda guerra, a revolução comunista e outros processos tumultuosos, a China só veio a recuperar suas pesquisas sobre Antiguidade com maior eficiência e constância na década de 60. Isso demonstra o quanto esta Nova História chinesa é recente. Para se ter idéia, o momento dourado da arqueologia chinesa ocorre nos anos 70, com a descoberta de novos sítios Shang e Zhou (os primeiros haviam sido descobertos na década de 20 e depois, na de 50) e do túmulo do imperador Qin Shi Huang Di (até hoje em fase de escavação, tendo em vista que as partes recuperadas provavelmente não correspondem nem a 1/5 do monumento como um todo).

A partir dos anos 50 a História da China começou, então, a ser reavaliada em várias partes do mundo. Autores como Chan Wing-tsit e Feng Yulan começaram a ser amplamente valorizados por seus estudos no campo filosófico chinês. O trabalho do Sinólogo alemão Richard Wilhelm, da década de 30, foi recuperado e divulgado por suas considerações únicas em torno da funcionalidade das idéias chinesas. Na arqueologia, o trabalho inovador de Kwang Chang trouxe uma nova luz sobre os períodos antigos. E o inglês Joseph Needham surge, depois desses anos 50, como o grande historiador das ciências chinesas.

Na China, a História esteve engajada no discurso marxista até o início dos anos 80, colocando o antigo pensamento chinês como uma sobrevivência reacionária e conservadora. A arqueologia trabalhou

Digitized by Google

diretamente com métodos quantitativos, não dando muita margem para considerações cognitivas e simbólicas. No entanto, a partir desta época de distensão do sistema político, os chineses começaram também a lidar com outras vertentes culturalistas e o resultado disso foi um resgate interessantíssimo das antigas tradições, sob um novo olhar técnico e teórico. As tradições do pensamento e da cultura têm sido valorizadas pelos seus aspectos antropológicos e filosóficos, e a academia chinesa tem formulado propostas metodológicas bastante criativas, inseridas num contexto transculturalista que visa discutir todas as conceituações históricas (essencialmente ocidentais) sob um novo prisma (embora uma parcela significativa destes mesmos autores nativos esteja se utilizando deste expediente para re-afirmar uma suposta "superioridade cultural" chinesa...uma reminiscência xenófoba e sinocentrista derivada, como podemos ver, da fusão entre as sobrevivências culturais milenares com o revanchismo pelos tempos coloniais e pela formulação de um novo nacionalismo chinês).

Podemos afirmar, por conseguinte, que o estudo da China têm sido abordado por vieses variados. A Sinologia, enquanto "ciência das coisas chinesas", tem tentado se livrar de sua pesada carga eurocentrista e colonialista para se tornar uma proposta abrangente e mais completa de estudo sobre a civilização, englobando um trabalho interdisciplinar na formação de especialistas. A História cultural também tem dado espaço a autores brilhantes, como Jonathan Spence e André Levy. A arqueologia chinesa tem se desenvolvido fortemente, mas quase sempre nas mãos de pesquisadores nativos. O grande desafio hoje, no estudo sobre a China tem sido, de fato, se livrar da incômoda bagagem dos tempos colonialistas (e racistas) que tantas deformações trouxeram ao campo das ciências humanas como também, esclarecer o público sobre os estereótipos múltiplos que se formaram em torno das culturas orientais, principalmente os de caráter esotérico.

Digitized by Google

Dando continuidade à nossa análise das visões modernas sobre a História da China Antiga, o que observamos, hoje, é um consenso em torno de alguns aspectos que envolvem a cronologia tradicional.

Detalhe de um Hutong, típico bairro tradicional da China. Tal como estes antigos bairros, que hoje cedem lugar a construções modernas, como será também a História Tradicional chinesa no futuro?

Em primeiro lugar, as fontes sobre as quais esta cronologia era estruturada derivavam, essencialmente, da ortodoxia confucionista. Assim sendo, podemos compreender que muitas das construções propostas pela antiga história chinesa, principalmente em torno das dinastias Xia e Shang-Yin seriam, na verdade, superposições da cultura Zhou sobre o passado. Isso fica evidente pelo trabalho arqueológico que envolve a descoberta da cultura Shang.

Inicialmente, ainda são poucos os dados sobre a existência de uma Dinastia Xia. As duas culturas neolíticas existentes, a de Yangshao e a de Longshan, demonstram ser diferentes entre si, mas não existe nenhum indício claro de suas conexões com esta Dinastia (Barnes, 1993; Jopert, 1979:22-54). Mas, como afirmamos, a arqueologia continua se desenvolvendo: é possível, portanto, que num futuro próximo seja identificado algum elemento que constitua uma prova definitiva sobre o sistema monárquico antigo denominado Xia. Os momentos iniciais dos Zhou também são um pouco obscuros: depois do século 9 a.C. as datações melhoram, mas no caso das biografias dos personagens históricos, estas continuam um tanto confusas. Para efeito comparativo, segue uma tabela entre a cronologia tradicional e a moderna, a partir da qual detalharemos, nos próximos capítulos, os períodos históricos e suas constituições.

*Nota: as datas registradas nos períodos de 841 a.C. do Shi Ji ainda são aceitas como corretas, sem grande contestação. A variação de algumas aparece, somente, em relação às biografias de algumas figuras importantes dos séculos 7-5 a.C.

Digitized by Google

Períodos Tradicionais	**Moderna Arqueologia**
3 patriarcas e 5 soberanos -2852 -2205	?
Imperador Yao -2356 -2255	Cerâmica Preta e Pintada
Imperador Shun -2852 -2205	Cultura Yang Shao e Long Shan
Dinastia Xia -2205 -1766	Fase do Bronze 1 – Transição
Dinastia Shang -1766 -1122	-1500 -1028 - Fase do Bronze 1
Zhou anterior -1122 -650	-1027 -650 - Fase do Bronze 2
Zhou posterior -650 -221	-700 - 221 – Transição Ferro
Período Qin -221 -206	-221 - 206 Teoria dos 5 Elementos
Han anterior -206 +9	-206 +9
Han posterior +22 +220	+22 +220

Vemos que a Cronologia tradicional coloca a cultura chinesa como uma das mais antigas do mundo, junto com as da Índia e do Médio Oriente. Tem se feito um grande esforço, dentro da China, para resgatar o valor das datações tradicionais, em função de uma suposta antiguidade longínqua que justificasse a "ascendência" cultural chinesa sobre as outras civilizações mundiais. Este trabalho, ideologicamente engajado, não tem conseguido grandes êxitos. Os avanços arqueológicos têm sido significativos, mas as tentativas de sobrepor as descobertas materiais às datações antigas são ocasionalmente falhas. A crítica que se faz a este trabalho é, sobretudo, quanto ao seu discurso nacionalista, tal como tem acontecido também com a História Indiana. Mas, felizmente, esta visão não é abrangente e mesmo em seus países de origem ela é contestada.

Digitized by Google

Dinastia Xia

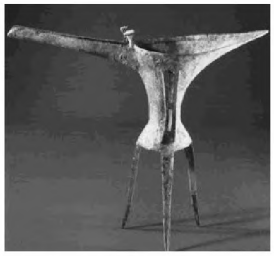
Mapa com a localização da Dinastia Xia

A história chinesa possui um certo hiato na passagem entre o seu período proto-histórico e aquela que seria considerada a sua primeira dinastia organizada, a Dinastia Xia, cujas datas tradicionais a colocam entre -2205 -1766. As culturas primitivas, como de Yangsho e Longshan dão-nos alguns testemunhos do processo formativo da civilização chinesa, mas as conexões com uma possível organização política de caráter real ainda são incertas. No entanto, as verossimilhanças permitem-nos inferir que haja uma relação cultural entre as mesmas, ou até um movimento de continuidade. Como afirma Cotterel:

"Igualmente incertos são os antecedentes da cultura Yangshao, que hoje é geralmente reconhecida como a gênese da cultura chinesa por causa da influência permanente que a sua agricultura auto-suficiente exerceu sobre as tribos que a partir daí se consideraram o povo chinês. Fisicamente, os habitantes das aldeias Yangshao são parecidos com os atuais chineses das províncias do Sul, mas isso não deixa de fazer sentido se nos lembrarmos como, durante a era imperial, a invasão dos Nômades transformou a China do Norte num cadinho de mistura de raças. Mas, mesmo a partir da era dos Zhou, em que se passou a dispor mais facilmente de fontes literárias, é óbvio que o critério para definir quem pertencia ao mundo chinês passava mais pela consciência duma herança cultural comum do que pela afinidade étnica. [...] Antes de se ter esgotado o período de cultura Yangshao surgiu outra cultura, chamada Longshan por ter sido descoberta em 1929 perto de

Digitized by Google

Longshan ou «Montanha do Dragão», na localidade de Chengziyai, província de Shangdong. Com efeito, os baluartes retangulares de terra amassada antecipam a longa tradição de cidades fortificadas que em breve seriam inauguradas pelos Shang; além disso, a área de implantação que eles abrangiam era mais de cinco vezes maior do que a que se acolhia dentro do fosso defensivo de Banpo. Outras semelhanças com os tempos posteriores eram, por exemplo, as técnicas de adivinhação, as formas das peças de olaria e, o que não deixa de ser interessante, uma série de tabuletas de oleiros que são idênticas a caracteres descobertos em inscrições de oráculos de Shang. Seja uma evolução da cultura Yangshao, seja uma tradição oriental distinta com pontos de contacto que se estendem para nordeste até à Sibéria oriental, a de Longshan caracteriza-se essencialmente pela sua olaria avançada, uma louça fina, muito polida, cinzenta ou preta, que mostra sinais de ter sido feita com roda. Esta cultura floresceu até ao princípio da idade do bronze, pouco depois de 1800 a.C., e os seus vestígios aparecem por baixo dos dos Shang, na província de Henan, sede desta dinastia" (Cotterel, 1986).



Este simples vaso é uma das relíquias descobertas no sítio de Erlitou, identificado como sendo da Dinastia Xia. O magnífico trabalho em bronze e a delicadeza do estilo são antecedentes claros do trabalho aperfeiçoado que seria realizado, depois, no campo da metalurgia, durante a época Shang.

As considerações feitas pelos autores da década de 80, porém, não permitiam ainda confirmar a existência dos Xia. A descoberta de importantes vestígios arqueológicos só se deu recentemente, e poucos manuais tiveram oportunidade de reproduzir estas novidades, que continuam em fase de estudo e análise.

Pouco ainda se sabe sobre eles, e muito provavelmente sua história está intimamente ligada as dos Shang, cuja sobrevivência política e documental permite-nos definir melhor seu quadro de existência. As descobertas arqueológicas apontam, no entanto, para a imensa riqueza técnica e artística dos mesmos:

"Na Idade do Bronze, que durou cerca de 2 mil anos na China, a dinastia Xia é o período inicial no desenvolvimento da tecnologia do bronze e que lançou sólidas bases para a sua prosperidade. Os objetos de bronze da última fase da dinastia desenterrados na relíquia de Erlitou podem ser classificados em categorias de serviços de vinho, serviço de cozinha, armas, instrumentos musicais, ferramentas e adornos". (CRI, 01-11-2004)

Digitized by Google

Este escudo, decorado com pequenas placas de pedra é mais um dos fabulosos achados da Dinastia Xia, mostrando um refino único e a capacidade de sua cultura.

A exploração sistemática no campo arqueológico da China ainda nos promete surpresas, portanto. Tal como Tróia, Xia está sendo gradualmente desenterrada do chão e seus segredos devem aos poucos ser revelados. Não serão poucas, porém, as dificuldades. Confúcio tinha consciência de que seu resgate dos tempos antigos era incompleto e possivelmente problemático - não foi o mestre, pois, que reclamou da insuficiência de textos, objetos e tradições das dinastias antigas? "Posso falar sobre o ritual Xia? Seu herdeiro, o país de Qi, não preservou suficientes evidências. Posso falar sobre o ritual Yin? Seu herdeiro, o país de Song, não preservou suficientes evidências. Não existem registros suficientes e tampouco homens sábios suficientes; caso contrário, eu poderia obter evidências a partir deles" (Lunyu 3 e Zhongyong, 28). Mesmo assim, fragmentos desta antiguidade garantem subsídios mínimos para um estudo atual. Para os pensadores da época de Confúcio os Xia eram, de qualquer modo, a raiz da civilização chinesa:

"Foi a lição do nosso grande antepassado;
O povo devia ser tratado com carinho
E não olhado de cima;
O povo é a raiz de uma nação.
Se a raiz é firme, ela vive tranqüila"
(Shujing, Livro de Xia, 3)

Digitized by Google

Dinastia Shang

A civilização Shang é conhecida, também, como Idade do Bronze Chinês ou Época da Realeza Palaciana. No entanto, ambos os termos são um tanto quanto imprecisos. Nossa tendência é sempre de realizar uma analogia entre os sistemas políticos e sociais da antiga China com os nossos equivalentes ocidentais, mas tal consideração merece uma avaliação cuidadosa.

Mapa com a Localização da Dinastia Shang

Vejamos a denominação arqueológica: na época Shang, a metalurgia do Bronze desenvolveu-se tecnicamente de forma rápida e avançada, ultrapassando em muito as conquistas do Ocidente. No entanto, houve também um relativo domínio do ferro, que, no entanto, conviveu muito tempo com o bronze sem substituí-lo. E, quando o ferro passa a ser utilizado mais amplamente, na época dos Qin - Han, uma das etapas de transição (a do ferro martelado para a do ferro fundido) parece não ter existido, conquanto as técnicas do bronze possam ter sido utilizadas como substitutas para tal fim. Os Shang também dominavam a construção de carros de combate, com os quais guerreavam e eram enterrados: e até a época Han estes foram utilizados de forma ampla. Tais indícios, por conseguinte, demonstram que a uniformidade que caracteriza os períodos arqueológicos no Ocidente não pode ser aplicada, sem uma devida adaptação, ao contexto chinês. O mesmo acontece em relação à denominação histórica de Realeza Palaciana.

Digitized by Google

Vaso Shang em forma de Pássaro, demonstração do domínio completo que esta Dinastia obteve com o Bronze.

Sabe-se que os Shang viviam em cidades-estado e que estas, muito provavelmente, possuíam alguma autonomia. No entanto, quais eram as relações entre as mesmas que caracterizariam, possivelmente, uma monarquia, tal como existia na época? Podemos falar de um imperador Shang ou de Reis Shang? Sabemos também que eles se identificavam como um grupo étnico de características particulares e comuns, mas em que isso influenciava sua prática política e social? As respostas que possuímos para este período são ainda um pouco incompletas e inseguras.

Os Shang pareciam ser um grupo étnico vinculado a cultura Longshan e Erlitou (Xia), evidenciado por algumas semelhanças em suas culturas materiais: uso de muros de terra batida em torno das cidades, utilização de ossos e tartarugas em artes divinatórias, e um estilo artístico próprio que aparecia nas cerâmicas antigas (preta e pintada) (Gernet, 1979:58-61).

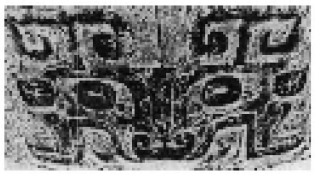
Exemplar de vaso Shang utilizado para servir bebidas.

Seu modo de vida, essencialmente agrícola, apresenta uma certa inclinação pecuária que se refletia nos hábitos alimentares e nos sacrifícios. Há um hiato, no entanto, entre o surgimento dos Shang e a civilização Longshan; a primeira surge, nos depósitos arqueológicos, longe dos tempos ceramistas, dominando uma avançada técnica de emprego do bronze; "Como os homens da cultura Longshan e os da cerâmica cinzenta, os Shang fizeram grande uso da madeira para as suas construções e a sua baixela. Toda uma série de vasos de bronze – aqueles cujas formas são angulares – seriam cópias de vasos de madeira. Por outro lado, a arte dos Shang é uma arte animalista, não apenas na decoração como nas formas, dando provas, num tal domínio, de uma fantasia e um gênio inventivo surpreendentes (vasos em forma de carneiros, de corujas, de rinocerontes, de elefantes...). Só pela sua arte, a civilização chinesa da época dos Shang apresenta-se já, praticamente, tanto como uma civilização de caçadores e criadores como de agricultores'. (ibidem, 1969)

O Bronze, aliás, é a grande marca dos Shang: inúmeras coleções de recipientes dos mais variados tipos e funções são normalmente

Digitized by Google

encontradas nas tumbas deste período. O estilo artístico empregado em sua confecção (já nesta época realizada em pré-moldados) manifesta os elementos possivelmente identificadores da cultura Shang. Sua composição étnica é comprovada pelo estilo inconfundível dos vasos rituais trípodas e pela máscara Tao Tie, motivo decorativo vulgar (e aparentemente estatal) que identificava o grupo.



Exemplar e estilização do motivo Taotie, principal identificador da Civilização Shang. Comum nas representações artísticas, esta figura de um animal mitológico aparecia em vários tipos de trabalhos, mas principalmente nos bronzes, onde em geral era aplicada no lugar de solda das placas de metal.

Soma-se a isso a escrita, que aparece nos cascos de tartaruga e ossos animais para realização de presságios e oráculos. Este sistema de inscrições está parcialmente decifrado, e possui conexões com os ideogramas que comporiam a escrita chinesa tal como conhecemos hoje.

Os ossos oraculares permitiram estudar diversos aspectos das crenças Shang, bem como serviram para identificar e comprovar a existência de figuras e cenas históricas descritas no Shiji de Sima Qian.

O aspecto ritual e religioso desta sociedade é de suma importância, tendo em vista a quantidade de achados do gênero: sacrifícios constantes de carne e vinho de arroz eram feitos aos deuses (que tinham características transitórias entre o Zoomorfismo e o Antropozoomorfismo) e depositadas em urnas especiais, das quais muitas sobreviveram graça a sua qualidade. Por vezes, os mesmos ritos buscavam atrair reis mortos e grandes antepassados. As tumbas Shang demonstram que havia a prática da servidão e do escravismo, já que eram feitos holocaustos maciços de condenados, presos e pessoas dedicadas em vida (e também, na morte) ao nobre falecido. Este era enterrado com seus pertences materiais, armas, animais e os mesmos servidores degolados, cuja cabeça era depositada em separado do corpo. Os primeiros indícios da escrita também surgem através da prática religiosa: ideogramas primitivos aparecem, gradualmente, em ossos de carneiro, bovinos e carapaças de tartaruga utilizados com fins

Digitized by Google

oraculares. Estas inscrições são a chave para compreender as origens do sistema logográfico chinês, situando como a mais antiga escrita viva em todo mundo.

Os Shang não eram também um grupo disperso: apesar da vida organizada em cidades semi-autônomas, parece ter havido a ascensão de reis responsáveis pela administração dos interesses coletivos das comunidades. Três são os motivos que nos levam a crer nisso: primeiro, a construção de cidades centrais (capitais), dentre as quais se destaca Anyang, responsável pela articulação e reprodução do poder Shang; "Os Shang parecem ter-se organizado como uma forma de cidade-Estado sob uma monarquia que, no início, foi muito forte. Havia aldeias-satélites não muito longe da capital central e o Estado tinha meios de controlar as comunidades a uma grande distância. Mais de 50 sítios com restos dos Shang, nove deles de grande, importância, foram identificados na região do rio Amarelo e da planície da China setentrional. A localização da capital murada sofria mudanças, e dois dos mais importantes sítios foram Zhengzhou (provavelmente a antiga capital de Ao), fundada durante o reinado do décimo monarca e ocupada desde c. 1500 a 1300, e Anyang, também conhecida como Grande Shang, que data do tempo do 19o rei, em 1300, até a queda da dinastia em 1027 a.C" (Morton, 1986); em segundo lugar, a necessidade existente de resistir às invasões daqueles que eles julgavam ser “bárbaros”, na verdade povos nômades ou mesmo outros reinos que conviveram com esta dinastia no espaço físico da China Antiga; por fim, o fato de existirem listas com as gerações reais que coincidem, com precisão razoável, com as apresentadas por Sima Qian no Shi Ji.

O domínio dos mesmos se restringiu bastante à região norte, e suas fronteiras viviam em constante tensão e conflito. Os Shang possivelmente se entendiam continuadores dos Xia, mas em novos termos, como se apresenta na proclamação de Tang (primeiro imperador Shang, admirado por Confúcio):

“O Céu fez descer calamidades sobre a Casa de Xia a fim de patentear-lhe a culpa. Por conseguinte, eu, pobre criança, intimado pelo decreto do Céu pelos seus gloriosos terrores, não ousei perdoar o criminoso. Aventurei-me a utilizar um touro de cor escura para o sacrifício; e, dirigindo uma clara proclamação ao Céu, solicitei permissão para tratar como criminoso o governante de Xia. Procurei, então, o grande Sábio com quem poderia unir a minha força, visando solicitar o favor

Digitized by Google

do Céu em vosso benefício, minhas multidões. Os Altos Céus demonstraram de fato a sua graça em favor do povo aqui da terra e o criminoso [o último soberano Xia] foi degradado e submetido. O que o Céu determina está isento de erro; hoje, gloriosamente, como o florescer das plantas e árvores, os milhões do povo apresentam um verdadeiro revivescer. Compete a mim, o Primeiro Homem, assegurar a harmonia e tranqüilidade dos nossos Estados e clãs; e não sei se ofendo às forças superiores e inferiores. Receio e tremo como se estivesse em perigo de cair em profundo abismo. Em todas as regiões que iniciam vida nova sob o meu governo, não segui, vós, ó príncipes, os caminhos fora da lei; não vos aproximeis da insolência e da dissolução; cada um cuide de manter os seus estatutos; - que assim possamos receber o favor do Céu. Não ousarei conservar oculto o bem que existe em vós; e quanto ao mal que existe em mim, não ousarei perdoar-me. Examinarei esses assuntos em harmonia com o espírito do Céu. Quando e onde quer que seja, fordes achado sem culpa, vós que ocupais as inúmeras regiões, que ela recaia sobre mim, o Primeiro Homem. Quando eu for achado em culpa, ela não será atribuída a vós, que ocupais as inúmeras regiões". (Shujing, Livro de Shang 3)

O refinamento Shang surge na diversidade de estilos empregados na confecção de suas obras de arte, como neste vaso de bronze em forma de uma longa taça.

Existem indícios de que a agonia dos Shang, em torno do século 11 a.C., se deu pela fragmentação de seu poder interno, aliado ao contexto de invasão externa que teria sido promovido pelos grupos constituidores da dinastia posterior, os Zhou. Os elementos que denotam a diferenciação entre estes estrangeiros e os Shang estão presentes, por exemplo, nas questões religiosas. Uma das primeiras medidas Zhou foi acabar com a prática dos sacrifícios humanos quando da morte de nobres: estes foram substituídos por estátuas de pedra ou madeira. Os Zhou aparecem como mais guerreiros, dinâmicos, mas com uma mentalidade aberta o suficiente para absorver os elementos culturais e técnicos que mais lhes interessavam dos Shang. É o caso dos estilos artísticos e da manutenção do Bronze. No entanto, ocorreu uma transformação no sistema político e social, já que os Zhou instauraram um novo tipo de regime monárquico feudatário.

Assim sendo, parece-nos que os Xia e Shang são os primeiros grupos organizados, na civilização chinesa, a partir de uma série de

Digitized by Google

reminiscências proto-históricas que lhes garantem seu caráter. No entanto, vemos que outros grupos conviveram com os Shang em seu período de existência, o que nos faz concluir que a construção confucionista de uma história dinástica e étnica linear não era precisa: os Zhou seriam, em essência, uma fusão da cultura Shang modificada com os elementos trazidos por outros grupos étnicos habitantes de um espaço entre noroeste e o alto sudoeste chinês. E com os Zhou se iniciaria, no imaginário chinês, o "grande período de Ouro da Antiguidade".

Digitized by Google

Dinastia Zhou

A época Zhou é conhecida por uma terminologia variada: ela já foi chamada de *Idade dos principados, Época Feudal chinesa* e *Primeiro Grande Império*. Analisemos cada uma dessas visões.

O termo *Idade dos Principados* remete-se à política da casa de Zhou de distribuição de terras e títulos nobiliárquicos para os aliados e servidores fiéis. Desta forma, era possível dentro do "Império Zhou" a existência de reinos quase autônomos, que guerreavam entre si sob o arbítrio da casa imperial. Esta denominação parece ser adequada, portanto, ao contexto da época final dos Zhou, mas não sabemos se vale para os períodos iniciais, onde não existiria uma fragmentação política tão grande.

Já o termo *Feudalismo Chinês* é uma sobreposição do equivalente lingüístico ocidental ao sistema político e econômico implementado pelos Zhou, que incluía relações de vassalagem e uma hierarquia social baseada em títulos e funções sociais. No entanto, este termo também é criticado pela sua especificidade, que não parece ser plenamente aplicável ao caso chinês, tendo em vista as diferenças que caracterizam as instituições constituintes do poder no modelo Zhou (Gernet, 1979:58). Talvez a melhor maneira de evitar um anacronismo seja utilizar o termo chinês próprio da época, que designava este conjunto de relações como *Fengjian*.

Mapa com a localização da Dinastia Zhou

A idéia de primeiro grande Império é uma sobrevivência das interpretações clássicas confucionistas sobre a História Antiga. Vemos que os chineses tinham a tendência de articular os períodos passados

Digitized by Google

numa única linha cronológica e espacial, sem observar suas variações étnicas e materiais. No entanto, a preocupação dos mesmos era explicar os momentos contemporâneos de suas vidas, para os quais as alterações nas estruturas históricas passadas nada significavam, portanto, se fossem desprovidas de um sentido simbólico. Assim, o fato dos Zhou representarem uma casa monárquica que intermediava a ação política dentro da China Antiga e que haviam inaugurado o Mandato do Céu como instituição, por si só bastava aos classicistas para denominá-lo como Império. Na verdade, temos que considerar que o que chamamos realmente de *Imperium Chinês* (ou seja, a partir dos Qin), é, também, uma construção da nossa historiografia. O que é para nós uma radical mudança no sistema político antigo, através dos Qin, que caracterizaria o processo de unificação e construção de uma nova estrutura administrativa e cultural era (e ainda é, para alguns chineses) apenas uma mudança na continuidade histórica. E devemos lembrar ainda que o termo Império é de origem Latina: até existem alguns equivalentes homeomórficos na língua chinesa, mas nenhum deles preciso. Assim, é difícil pensar em como podemos associar a terminologia Imperium ao caso chinês. No entanto, a contestação que se faz desta linha historiográfica é que ela tende a não observar as rupturas e transformações históricas de forma significativa, tendendo a um imobilismo cultural e ideológico. Ela não observa também as modificações institucionais que asseguram uma nova perspectiva social e política ao longo da História chinesa. Logo, podemos afirmar com segurança que este terceiro ponto de vista é uma reprodução direta do imaginário antigo, que criou uma cronologia única e articulada, mas que não é pertinente com as transformações que ocorreram no plano material e institucional.

Vemos assim que a utilização destas três terminologias não é, por conseguinte, totalmente conflitante ou impossível, mas exige cuidado e especificidade nos casos de análise.

A História dos Zhou, segundo uma tradição ainda aceita (de acordo como o Shu Jing e com o Shi Ji) começa com a derrocada dos Shang em torno dos séculos 11-10 a.C. Os grupos étnicos que comporiam os Zhou teriam uma ascendência próxima dos Shang-Yin (manifesta pelos estilos artísticos e pela escrita), mas habitavam fora do território "imperial", e viviam em contato direto com os "bárbaros". Como nos diz o Shujing:

Digitized by Google

“Foi na madrugada seguinte que o rei Wu marchou em derredor das suas seis hostes formadas e fez uma declaração otimista a todos os oficiais. Disse ele: "Meus valentes homens do oeste! Do Céu emanam brilhantes rumos ao dever, cujas diversas exigências são bem nítidas. E, no entanto, Shou, o rei de Shang, trata com desdenhosa negligência as cinco virtudes regulares e se entrega a desenfreada ociosidade e irreverência. Rompeu com o Céu e acarretou a inimizade entre ele próprio e o meu povo. Ele cortou as tíbias daqueles que a custo caminhavam, pela manhã; arrancou o coração dos homens dignos. Usando do seu poder, matando e assassinando, envenenou e afligiu a todos aqueles compreendidos nos quatro mares. As suas honrarias e a sua confiança são atribuídas aos vilãos e aos maus. Afastou de si os instrutores e tutores. Lançou aos ventos os estatutos e as leis penais. Aprisionou e escravizou os funcionários retos. Mostrou-se negligente nos sacrifícios ao Céu e à Terra. Suspendeu as oferendas no Templo dos Ancestrais. Concebe projetos de maravilhoso artifício e extraordinária astúcia para agradar à mulher. Deus já não é tolerante para com ele; mas sim, faz descer esta ruína, acompanhada de maldição. Apóia-me com o vosso infatigável zelo, a mim - o Primeiro Homem, para reverentemente executarmos a punição ordenada pelo Céu. Disseram os Antigos: "Aquele que nos alivia é o nosso soberano; aquele que nos oprime é o nosso inimigo”, Shou, esse homem solitário, tendo exercido grande tirania, é o vosso perpétuo inimigo. Afirma-se, ainda: "Ao implantar a virtude de um homem, esforçai-vos por fazê-lo pelas raízes". Agora, eu, pobre criança, com o poderoso auxílio de todos vós meus oficiais, exterminarei completamente o vosso inimigo. Todos vós, meus oficiais, marchai à frente com determinada audácia a fim de apoiar o vosso príncipe. Se houver mérito, haverá grandes recompensas; se vós assim não avançardes, haverá notória desgraça.” (Livro 1 de Zhou, Shujing).

A análise do documento mostra alguns destes pontos de forma clara: Wu (o príncipe que destronou, por fim, os Shang) identifica o soberano Shang como opressor de seu povo, mas ao mesmo tempo, clama pelas virtudes morais e políticas que, em sua visão, deveriam ser comuns a todos, e cuja prática encontrava-se ausente.

De tradição militarista (embora seus costumes sociais e fúnebres fossem muito menos cruéis que os dos Shang), os Zhou promoveram uma invasão do território conduzidos por um rei chamado Wen, que tinha por objetivo findar com a sucessão de terríveis déspotas Yin que afligiam a sociedade. Após uma grande batalha, os Zhou derrubam os

Digitized by Google

antigos soberanos e assumem o poder. Depois disso, o rei Wen é sucedido por Wu (seu filho), cujas realizações consolidam a posição da nova dinastia. No entanto, ainda ocorreriam rebeliões e conflitos que só seriam resolvidos, após algum tempo, pelo Duque Zhou (Zhougong).

Estas três figuras são fundamentais tanto na antiga história chinesa quanto na própria Sinologia moderna. Os reis Wen e Wu, tanto quanto o Duque Zhou, eram considerados modelos de virtude e sabedoria dentro do pensamento chinês. A eles foi atribuída, por Confúcio, a primeira redação do I Jing (Wilhelm, 1988:3-13). Se a existência verídica destes personagens procede, tornou-se difícil (em função da própria documentação) saber muito sobre eles; no entanto, isso parece já não ser tão importante, tendo em vista o que foi realizado em nome dos mesmos.

Partindo do século 11-10 a.C., o tempo dos Zhou é dividido em períodos distintos: o primeiro, que iria de 1027 - 700 a.C. seria os dos Zhou anteriores, também chamados de ocidentais ou primitivos. Esta divisão é marcada pela transferência da capital para a cidade de Chengzhou e pela modificação de alguns parâmetros culturais e artísticos. A data aproximada de 770 a.C. marcaria o auge desta dinastia, que depois iria declinar em função da desestruturação interna e dos conflitos com os bárbaros.

O segundo período, dos Zhou posteriores, ou ainda orientais e recentes, é marcado pela decadência política, mas se constitui numa época fértil para o pensamento e para ciência chinesa. Ele estaria datado de 771 a 221 a.C., quando da vitória dos Qin e a unificação chinesa. Está subdividido em duas partes: a primeira, que vai de 771-481 a.C. é chamada, como já citado anteriormente, de Primaveras e Outonos (presentes nas narrativas do Chun Qiu e do Zhuo Quan), quando se inicia o período dos Estados Combatentes (Zhang Guo), que vai até 481-221 a.C. Os chineses opunham os dois períodos demonstrando claramente a perspectiva de conflito e corrupção do poder e da sociedade que se estabeleceram a partir dos séculos 7-6 a.C. No 6-5 a.C. é interpolado o período denominado Época das Cem Escolas, (já citado) que marca o alvorecer dos sistemas clássicos de pensamento chinês (Chan, 1979).

Há uma linha ainda que prefere definir a cronologia Zhou pelos seus estilos artísticos, separando-a em três: Zhou Inicial (1027-900), Zhou Médio (900-650) e Zhou Final (650-221) (Pinschel, 1963: 7-21). Segunda esta concepção, bastante funcional para o estudo da arte, o

Digitized by Google

primeiro período corresponde ao de assimilação das antigas formas Shang; o segundo, de fusão artística entre os dois estilos e o terceiro, de multiplicidade, ligado à separação dos reinos. É, no entanto, um modelo artificialmente criado, e apenas metodologicamente funcional.

A análise histórica e arqueológica demonstra que houve uma expansão territorial e econômica das atividades Zhou no primeiro período. É o período de construção de uma nova cultura, conjugando elementos próprios com os dos antigos Shang - Yin. A organização política se desdobra, nalguns aspectos, em torno das antigas relações arcaicas dos Shang: os soberanos são responsáveis não só pela administração pública quanto pelo espiritual e militar na comunidade. Há uma inovação, porém, fundamental para a nova estrutura monárquica: a divisão em reinos e feudos do território, ligados por relações de vassalagem à casa de Zhou. Decorrente disso há também a formação de um corpo regular de assistentes burocráticos e funcionários no qual se confundem cidadãos livres e escravos. No entanto, se a autoridade moral é a base do novo poder monárquico, o que se veria seria uma degradação da capacidade de influência dos governantes em relação aos principados. A situação foi estável até o recrudescimento das invasões bárbaras no norte (séc. 7 a.C.), que puseram em dúvida, diante da sociedade, o mandato celeste em mãos dos Zhou.

As escolas e suas idéias

A percepção de um conflito eminente foi atentada pelo surgimento de inúmeras escolas filosóficas que compõem o período das Cem Escolas. Surgidas basicamente no século 6 a.C., o conteúdo destas escolas baseava-se na proposta de uma série de pensadores sobre os meios de recuperação da antiga dignidade Zhou, ou ainda, de reformulação social. A ordenação e a separação destes grupos de pensamento foi feita de forma didática no período dos Han, mas é provável que nos séculos 6-4 a.C. elas ainda se vissem mais vinculadas aos seus mestres do que propriamente a uma idéia de "escola" (Jopert, 1979:88-142). A organização clássica dessas escolas é a seguinte: Ru jia, ou escola dos letrados, mais especificamente os confucionistas, seguidores da linha de Confúcio, Mêncio e Xunzi; moístas, de Mozi; taoístas, da linha de Laozi, Liezi e Zhuangzi, escolas dos nomes, de Huizi; a escola das leis, de ShangYang, Han Fei e Lisi; e ainda, a escola dos políticos, dos ecléticos, do Yin-Yang, dos Cinco elementos e da

Digitized by Google

Agricultura. Estas teriam sido as mais importantes do período, havendo outras de caráter secundário. Um ligeiro quadro fornece-nos idéias básicas sobre as propostas morais destas escolas;

Taoístas: movidos pelos escritos de um suposto sábio chamado Laozi, construíram uma doutrina filosófica que defendia a compreensão do Tao como a única forma dos homens viverem em harmonia e retornarem a sua natureza primordial. Tao aí entende-se por um conceito abrangente cujas traduções aproximadas podem significar de "caminho" até "natureza", ou mesmo "cosmos". As diversas especulações sobre a não-ação, sobre a realidade do homem em relação ao meio e sua consciência sobre a vida inauguraram uma nova perspectiva de discussão filosófica na China. Os taoístas tinham em mente, antes de tudo, um abandono da vida material, uma flexibilidade nas relações sociais e um distanciamento do poder político pra a resolução das crises sociais:

"Zhuangzi estava pescando no rio Pu, quando o príncipe de Zhu mandou dois altos funcionários convidá-lo para assumir o cargo de administrador do Estado Zhu. Zhuangzi continuou pescando e, indiferente, disse: - Ouvi falar que em Zhu há uma tartaruga sagrada que morreu há cerca de três mil anos. E que o príncipe guarda cuidadosamente essa tartaruga em um cofre no altar de seus ancestrais. Ora, para essa tartaruga seria melhor estar morta e ter os seus restos venerados, ou estar viva e arrastando a sua cauda na lama? "Seria melhor estar viva e arrastando a sua cauda na lama", responderam os dois altos funcionários. "Ide embora!", gritou Zhuangzi. "Eu também prefiro arrastar a minha cauda na lama". Porque se deixar prender em obrigações matérias e transitórias, cujas preocupações cotidianas e monótonas nada tem haver com a realidade última do mundo?" (Zhuangzi, 17)

Os dois taoístas que popularizaram a doutrina foram justamente Zhuangzi e Liezi, que transformaram em histórias e contos a teoria obscura do Tao escrita no Daodejing. O taoísmo desde cedo, porém, se aglutinou com as práticas mágicas, alquímicas e xamânicas, perdendo grande parte do seu conteúdo filosófico e transformando-se numa religião. De certa forma identificamos esse processo com a tendência latente de ritualização presente na cultura chinesa.

Confucionismo: diferente dos taoístas, Kongzi (Confúcio) preocupou-se desde o inicio em empreender uma volta ao passado imperial Zhou, e não propriamente com uma perspectiva naturalista como a taoísta.

Digitized by Google

Ele acreditava no poder da educação para retificar a conduta do homem, e sua proposta extremamente pragmática indicava um caminho acessível a todos para o reerguimento social:

"Uma pessoa não pode andar em rebanho com pássaros e bestas. Se eu não sou um homem entre outros homens, então o que sou? Se o Caminho prevalece, debaixo do céu, não devo tentar alterar as coisas". (Lunyu, 18)

"Para o sábio, a única maneira de civilizar o povo e instituir bons costumes sociais é pela educação. Assim como uma pessoa não pode saber o gosto de um alimento sem o ter provado, por melhor que seja, tampouco se poderá, sem a educação, chegar a conhecer as excelências de um vasto acervo de conhecimentos, mesmo que eles aí estejam. Só por meio da educação, pois, tornar-se-á alguém insatisfeito com o que sabe; e só quando tem de ensinar a outrem é que a gente dá-se conta da incômoda insuficiência dos próprios conhecimentos. Insatisfeita com o que sabe, a pessoa então percebe que é seu o mal, e dando-se conta da incômoda insuficiência de seus conhecimentos sentir-se-á impelida a aprimorar-se". (Liji, 18)

Kongzi não deixava por isso de trabalhar também com valores metafísicos – afinal, ele era um dos principais defensores da concepção de Tian (céu), teoria que defendia um princípio inteligente e ecológico que administrava a natureza -, mas seu entendimento sobre a realidade humana mostrava uma lucidez incrível, e por estes motivos suas proposições não podiam deixar de considerar a dificuldade em realizar o trabalho de instruir a sociedade:

"O que é dado pelo Céu é o que chamamos natureza humana. Cumprir a lei de nossa natureza humana é o que chamamos Caminho. O cultivo do caminho é o que chamamos Educação. O Caminho é uma lei a que não podemos, por um só instante que seja em nossa existência, fugir. Se pudéssemos dele escapar, não seria mais o Caminho. Por conseqüência, eis porque o sábio espreita diligentemente o que seus olhos não podem ver, receia e se atemoriza com o que seus ouvidos não podem ouvir." (Zhongyong, 1)

Assim sendo, a escola confucionista estimulava seus discípulos a participarem da vida pública e da burocracia para que estes pudessem efetivar mudanças sociais salutares. A data clássica de vida de Kongzi foi de 551-479 a.C., e os dois grandes confucionistas posteriores foram Mengzi (Mencius) e Xunzi. que teriam vivido aproximadamente no século 4-3 a.C.. Estes desenvolveram uma grande discussão acerca da

Digitized by Google

natureza humana e do papel da educação e do governo. O confucionismo se transformou, na época Han, na doutrina oficial do estado imperial, mas com algumas modificações e influências das outras escolas.

Legismo: a escola da Lei (Fa jia) representa a ascensão de uma razão de governo pragmática, dura e violenta. Ela não se dispõe a retornar ao passado ideal, mas a criar um governo forte e centralizador em torno dos príncipes. Semelhante ao que ocorreu na Índia com o Artashastra e na Europa com Maquiavel, os legistas apresentavam uma proposta alternativamente despótica de poder e governo, e foram muitas vezes absorvidos na máquina administrativa, como no caso da dinastia Qin. Seus maiores autores teriam sido Shang Yang e Hanfeizi este último viveu no século 3 a.C., e foi o artífice das teorias unificadoras dos Qin. Ele organizou os conteúdos dessa escola, que separava a política da moral, aliava a prática a uma teoria muito bem planejada e baseava-se em princípios completamente severos e racionais, desprovidos de qualquer sentimentalismo:

"Nenhum país é permanentemente forte. Nem todo país é permanentemente fraco. Se ele se conforma com leis fortes, então o país é forte; se ele se conforma com leis fracas, o país é fraco...se existir alguma regra capaz de expulsar os ladrões do privado e sustentar a lei pública, os povos se acharão seguros e o Estado em ordem; e alguma regra capaz de expurgar a ação privada no ato da lei pública, encontrará um exército forte e um inimigo fraco. Assim, procure homens de fora que sigam a disciplina das leis e os regulamentos, e os coloque num lugar acima do corpo de oficiais. Então, o soberano não poderá ser iludido por qualquer um com fraudes e falsidades" (Hanfeizi)

Moísmo: algumas décadas depois de Confúcio, um grupo surgiu sobre a égide de Mozi, um retórico religioso que pregava a paz, a igualdade e desprezava a dita "proposta educativa" dos confucionistas, por achar que ela naturalmente excluía os menos providos. Curiosamente, os moístas eram materialistas, utilitaristas e dominavam inúmeras técnicas militares, que utilizavam para defender aqueles que acreditavam ser os "mais fracos":

"Poderia cada um nortear-se pelo exemplo de seu mestre? Muitos são os mestres; mas poucos os mestres dotados de uma alma grande. Logo, se todos imitarem o seu mestre, nem sempre imitarão um bom exemplo. Nortear-se pelos maus exemplos não é adotar o padrão

Digitized by Google

apropriado. Convém que cada um imite o seu soberano? Há muitos soberanos; raros, porém, são exemplares. Imitando-os, nem sempre andaremos bem. Não é boa norma copiar um mau proceder. Logo, nem os pais nem o mestre ou o soberano podem ser aceitos como padrões de governo. Que devemos então escolher como padrão de governo? Nada melhor do que orientarmo-nos pelo Céu. O Céu abrange tudo; é imparcial nas suas atividades, generoso e incessante nas suas bênçãos, guia infatigável e constante. Assim, quando os reis sábios tomaram o Céu por modelo, moldaram por ele as suas ações e empresas. Faziam o que o Céu desejava e evitavam o que o Céu pudesse condenar. Ora, que é que o Céu preza e que é que o Céu abomina? Indubitavelmente, o Céu deseja que os homens se amem e auxiliem mutuamente, e reprova que se odeiem e hostilizem. Como chegamos a esta conclusão? Simplesmente porque o Céu ama e favorece toda a humanidade. E como sabemos que o Céu ama e favorece a humanidade inteira? Porque o céu protege a todos, e de todos aceita oferendas." (Mozi, 4)

O cerne da proposta moísta encontrava-se neste discurso social, calcado no esvaziamento de poder da elite e na autonomia do povo - única via possível, para eles, para uma sociedade harmoniosa.

Nominalistas: os ditos "sofistas" chineses surgiram mais ou menos na mesma época destas outras escolas, e destacaram-se pelo uso da retórica na discussão de assuntos políticos e jurídicos. Tiveram pouco expoentes no século 4-3 a.C., mas alguns dos fragmentos que sobraram revelam um grupo altamente intelectualizado, capaz de elaborar paradoxos complexos, como o que seria escrito na Grécia por Zenão de Eleia, num período próximo, sobre a flecha partida.

Escola dos cinco Elementos: a doutrina dos cinco elementos foi um desdobramento da antiga ciência chinesa, contida em livros como o Neijing e o Ijing. Ela se preocupou em entender as problemáticas científicas como decorrentes de um ciclo natural que envolvia as correntes Yin e Yang e o domínio dos cinco estados da matéria (água, fogo, metal, terra e madeira). Estes ensinamentos encontraram um sucesso enorme na época dos Han, principalmente no campo tecnológico, mas também foram aproveitadas para explicar eventos históricos e sociais.

Essas escolas são a base da estrutura do pensamento chinês, embora devam ser analisadas com cuidado diante das inúmeras alterações que sofreram em suas propostas ou mesmo em seu discurso. No entanto, elas nos fornecem os elementos necessários para

Digitized by Google

compreender a lógica dessa civilização, mesmo em seus períodos mais antigos.

O Império Zhou

Carrilhão de Sinos utilizado na música. Durante o período Zhou, tais peças eram extremamente apreciadas em apresentações de dança, teatro, música e rituais.

A época Zhou denota a formação de uma classe nobre importante dentro da sociedade, interligada pelo sistema "feudal" Fengjian ao funcionamento da política, da força militar e da economia. Ela manipulava as práticas administrativas, sociais e religiosas através de um corpo burocrático, criado para executar o poder na extensão do território. Como afirma Aymard, "Tem-se a impressão de que, na época dos Zhou ocidentais, a sociedade ainda não foi submetida a uma hierarquia complicada, como será o caso, à medida que se desenvolver a tendência para a unidade política e a centralização do poder. A sociedade estava dividida em duas grandes classes: embaixo, a plebe camponesa; em cima, a classe patrícia (nobres hereditários). Pouco a pouco, ramificar-se-ão e classificar-se-ão os elementos médios, começando no grau mais baixo com os escravos e trabalhadores rurais, elevando-se progressivamente pelos artesãos e mercadores, letrados e funcionários, ministros e altos funcionários, nobres e príncipes, até o imperador, que domina a pirâmide hierárquica" (Aymard, 1957). Foi, porém, um momento de refinamento e desenvolvimento para a cultura: os Zhou eram apreciadores da música, da literatura e das belas artes. Mantiveram, sem grandes modificações, a organização econômica Shang, implementado a cobrança dos impostos sobre a utilização do território. Novos tipos de produção agrícola foram introduzidos, bem como o artesanato e a manufatura foram estimulados, pela primeira vez, num sentido de exportação:

Digitized by Google

Os Zhou incorporaram muito das técnicas Shang, como demonstra esta refinada peça de metal.

"A invenção tecnológica foi, uma vez mais, tão útil à agricultura quanto era na guerra. Nessa época; foi inventado o arnês de peitoral, ou coelheira, que aumentava a eficiência, seguindo-lhe pouco depois, já no século 5 a. C., um novo tipo de coelheira rígida. Esses dois tipos de arreios permitiram a um único cavalo fazer o que dois ou até quatro faziam antes, quando o arnês de pescoço ameaçava estrangular o animal se tivesse de deslocar um peso excessivo no tiro. O maior avanço técnico de todos foi a introdução dos processos de fusão e fundição do ferro, mencionados pela primeira vez em 513 a.C. O ferro fundido é encontrado em objetos que datam de 400 a. C., época em que o uso desse minério já entrara em uso bastante generalizado. Um dos primeiros usos conhecidos do ferro na China era como revestimento das bordas cortantes de pás de madeira, e para outros implementos agrícolas como enxadas, facões e foices" (Morton, 1986).

A intelectualidade deveu muito às primeiras épocas Zhou, sobre as quais sabemos pouco, porém. Existem indícios sobre como seriam os primeiros sistemas de pensamento desenvolvidos na época. No entanto, estes foram filtrados e modificados na época das Cem Escolas. No campo religioso, vemos sumir no meio das classes abastadas o politeísmo folclórico, que dá lugar a uma concepção mais abstrata de metafísica, baseada em princípios ecológicos das noções de Céu e Terra, ligadas ao Ser humano.

Exemplares desta misteriosa cabeça de metal foram encontrados em alguns túmulos Zhou de Shanxi, junto de seus corpos. Os Zhou inauguram uma fase em que os sacrifícios humanos foram proibidos, substituindo as possíveis vítimas por representações de bronze ou cerâmica.

Nos discursos taoístas e confucionistas com algum caráter religioso observamos, claramente, que os Deuses não aparecem: o Céu, esta entidade sem forma, é que governa os destinos da civilização. Era ele quem gerava o Mandato Celeste, atributo de uma dinastia para realizar a conexão entre o mesmo Céu, a Terra e a Humanidade, gerando a Harmonia universal (Smith, 1969).

Digitized by Google

O Advento dos Estados Combatentes

O início dos Estados Combatentes é marcado pelo fim da capacidade de arbítrio dos Zhou sobre os problemas internos e a concentração de força em apenas sete principados: Qi, Qin, Chu, Zhao, Han, Yen e Wei. Cada qual, com sua força militar e seu próprio corpo de funcionários, encetou um processo de guerra ininterrupta que culminou com a vitória do melhor organizado (e cruel) Estado Qin, em 221 a.C. O novo soberano decide, após a vitória sobre os Zhou, assumir o título de Primeiro Grande Imperador Amarelo, ou Qin Shi Huang Di, marcando, para a historiografia moderna, a fase do Imperium real na China; "O início do declínio do feudalismo, bem como o movimento no sentido da unidade, é visível no período da Primavera e Outono (770-481 a. C.), nome que recebeu de anais assim chamados. É nesta altura que se verifica o primeiro enfraquecimento do princípio da hereditariedade, sendo a própria casa real dos Zhou a vítima mais visível dessa mudança. O Livro da História dá-nos uma visão clara das circunstâncias de extrema carência em que ficou o Filho do Céu depois de, em 771 a. C., os nobres se terem aliado contra os invasores bárbaros. Apesar de todos os grandes senhores terem declarado a sua lealdade ao trono, o novo rei não pôde deixar de reconhecer a dependência em que ficara da «benevolência de todos, sem a qual a Terra não goza de paz». As ofertas de arcos e flechas que fez aos mais destacados membros da nobreza são sinal duma flagrante falta de força, na medida em que representam o reconhecimento do direito a punir quem desobedecesse a ordens reais. A pouco e pouco, esta devolução de autoridade deixou os reis Zhou com uma função apenas religiosa e um reino empobrecido a rodear Luoyang. Com efeito, os achados arqueológicos mostram o crescimento de centros de poder independentes nas grandes quantidades de bronzes descobertos em diversos pontos da cidade fortificada e nos túmulos sumptuosos, cujas inscrições não se referem já ao monarca Zhou, mas proclamam os nomes dos nobres para os quais foram feitos. Com o declínio das obrigações feudais e a erosão do poder central, os chefes dos estados emergentes lutavam entre si pela conquista de território e competiam para atrair artífices e agricultores. A oeste, os primitivos Qin incentivavam a imigração de estados rivais oferecendo casas e isenção do serviço militar. Um estado de guerra permanente, ora entre os próprios Chineses, ora com os Bárbaros invasores vindos das estepes do Norte, provocou uma redução substancial no número de estados. Segundo o Livro dos Ritos (Liji), existia durante o período da Primeira

Digitized by Google

Dinastia dos Zhou (1027-771 a. C.) um total de 1763 feudos. No princípio do século 7 a. C. já só havia 200 territórios feudais; por volta de 500 a. C., esse número tinha caído para menos de 20. Durante o período dos Reinos Combatentes (481-221 a.C.), as lutas intestinas tornaram-se tão ferozes e intensas que só sete estados feudais conseguiam reunir recursos suficientes para fazer a guerra. Impotente, o monarca Zhou, via duas grandes potências, Qin e Chu, ainda incompletamente sinizadas, conquistarem território tirando partido das lutas entre os estados feudais mais antigos. Em 221 a. C., a força de Qin foi suficiente para destruir todos os seus rivais e unificar toda a antiga China num só império. Em 256 a. C., o último rei Zhou foi brutalmente expulso do trono pelas tropas de Qin". (Cotterel, 1987)

O arcabouço gerado pelos Zhou foi a base sobre o qual os Qin pensaram uma nova estrutura de governo. Influenciados pela escola legista e, temerosos de criarem um sistema político falho, os Qin promoveram uma proposta centralizadora e unificante, pautada numa lei rígida, que eficazmente colocou este principado na ponta pela corrida do poder. Souberam aproveitar as experiências negativas da intelectualidade Zhou em resgatar o passado e elaboraram um projeto novo de governo, naquela época contestado por suas características novas e desvirtuado das antigas tradições. No entanto, o pragmatismo dessas propostas de criação de um novo império vingou, gerando uma estrutura política na China que seria milenar. O Zhangouce (Anedotas dos Estados Caombatentes) possui uma história bastante interessante sobre a ação dos Qin nesta época, que terminou por tornar-se uma história de sabedoria entre os chineses até os dias de hoje:

"Zhao ia invadir Yen. Su Tai foi falar ao Rei Hui de Zhao em favor de Yen. - Esta manhã. - disse Su Tai, - quando eu vinha pelo meu caminho, passava pelo Rio Yi. Vi ali uma ostra aquecendo-se ao sol, e um grou aproximou-se para picá-la na carne, e a ostra fechou firmemente a sua concha sobre o bico do grou. Disse o grou: "Se não chover hoje e se não chover amanhã, haverá uma ostra morta". E disse também a ostra: "Se não puderes soltar-te hoje e se não puderes amanhã, haverá um grou morto". Nenhum dos dois queria largar, quando um pescador se aproximou e apanhou a ambos. Ora, se fores atacar Yen, os dois países ficarão presos na luta por muito tempo até que o povo de ambos esteja esgotado. Temo que o forte Qin venha a ser o pescador. Pensa nisso cuidadosamente".

Digitized by Google

Su Tai estava certo: Qin estava pronto para ser o novo “império” da China.

Digitized by Google

Dinastia Qin

Relativamente bem documentado, o período Qin - Han estabelece as bases sobre as quais as dinastias posteriores iriam governar a China. A estrutura construída era tão sólida que não só resistiu ao tempo quanto foi capaz de converter dinastias estrangeiras aos modos chineses (como os Yuan e os Qing, da época medieval e moderna).

Mapa com a localização da Dinastia Qin (em negro, indicação das dimensões da Grande Muralha)

Os Qin empreenderam uma reforma completa na sociedade e no governo, utilizando-se das teorias legistas para tal fim. Unificaram o poder em torno da figura do Imperador Qin Shi Huang Di, suprimindo grande parte da influência e dos direitos nobiliárquicos. Centralizaram a administração pública nas mãos do corpo burocrático, estabelecendo as diretrizes funcionais dos cargos e atributos das posições. Como afirma J. Gernet; "o que importa é que o príncipe seja a única fonte de benfeitorias e de honras, de castigos e de penas. Se delega a menor parte que seja do seu poder, corre o risco de criar rivais, que cedo tentarão usurpar-lhe esse poder. Do mesmo modo, é necessário que as atribuições dos funcionários do Estado sejam estritamente definidas e delimitadas para que não surja nenhum conflito de alçada e para que os funcionários não se aproveitem da imprecisão dos seus poderes para se arrogarem uma autoridade ilegítima. Mas, acima de tudo, o que deve assegurar o funcionamento do Estado é a instituição de regras objetivas, imperativas e gerais. [...] Não só deve a lei ser pública, conhecida por todos, não consentindo qualquer interpretação divergente, mas também a sua própria aplicação deve ser independente dos juízos incertos e variáveis dos homens. A idéia era

Digitized by Google

impedir a superposição e a concentração de poder nas mãos de elementos discordantes do governo, o que poderia criar novas sublevações" (Gernet, 1969).

O regime centralizado possuía caracteres despóticos, e essa era a real intenção dos Qin. Através do controle burocrático estatal, diminuía-se a capacidade de afirmação das elites de cada um dos principados, filtrando a participação das mesmas no regime através da atuação junto ao governo.

Antes da Grande Muralha existir, várias partes separadas já haviam sido construídas na época dos Zhou. Qin resolveu uni-las numa só, criando uma obra inédita na sua época. O custo em vidas, porém, foi altíssimo, elevando ainda mais o descontentamento geral da população contra o regime.

No campo econômico, as mudanças políticas também surtiram efeito junto à produção agrícola, manufatureira e nas obras públicas. Houve uma reformulação na arrecadação de impostos, no recolhimento de reservas em grãos para as épocas de carestia, crise ou guerra, e o estímulo ao comércio externo. Grandes obras de irrigação, barragens, arroteamento de novos terrenos e fortificação de cidades foi empreendida, ao custo de milhares de escravos, servos e camponeses livres convocados para o trabalho compulsório. A Grande Muralha é um dos demonstrativos do projeto megalômano de Qin Shi Huang Di: construída pela união de várias outras pequenas muralhas locais, seu objetivo era regular a presença dos nômades do Norte nas fronteiras chinesas (Shiji, 88).

Qin Shi Huang Di ainda fez mais pelo império chinês: unificou pesos, medidas e moedas para facilitar o trânsito de mercadorias. Promoveu também a uniformização dos ideogramas, criando a primeira gramática-dicionário da língua chinesa, de caráter universal.

Digitized by Google

Esta síntese permitiu que, nos séculos posteriores, várias outras nações pudessem falar e escrever chinês, sendo a base, ainda, dos ideogramas modernos.

Em meio a tantas medidas positivas, a dinastia Qin também foi marcada pela violência: perseguições aos sábios discordantes do regime, queima de livros, supressão de práticas religiosas, culto à imagem do Imperador, exaustão das classes baixas pela exploração do trabalho...a unificação do Império teve um alto custo social, que em breve despertou a insatisfação popular.

O reinado de Qin Shi Huang Di foi marcante, porém efêmero: em 210 a.C. ele morre, provavelmente envenenado pelos elixires que tomava para obter a imortalidade. Onde vários assassinos falharam, a vaidade enterrou o tirano. Depositado em seu fabuloso mausoléu, descoberto em 1974, foi guarnecido por soldados de terracota que, planejados para defendê-lo em outro mundo, não puderam protegê-lo da fúria dos camponeses. A tumba foi saqueada e soterrada. Sem deixar substitutos à altura, a China foi lançada numa nova guerra civil, mas dessa vez rápida, que fez ascender ao poder o ex-camponês Liu Bang, fundador da Dinastia Han, em 206 a.C.

Seção do Mausoléu de Qin – os guerreiros, em formação de batalha, mostram o desejo de Qin Shi Huangdi em superar não só o mundo da Terra mas talvez, até mesmo o próprio Céu!

Digitized by Google

Dinastia Han

Uma nova sociedade

Os Han foram ainda mais efetivos na administração do Império, embora tenham suavizado suas características autoritárias. Preservando muito da estrutura administrativa Qin, algumas reformas foram feitas para dinamizar a burocracia: realização de exames para a admissão de funcionários, criação de escolas públicas e Universidades para formação e renovação do corpo e ampliação dos quadros. Reformaram o exército, combatendo de forma eficaz os sempre ameaçadores bárbaros do Norte. Restituíram parte dos títulos nobiliárquicos, mas sem a importância dos tempos Zhou. No campo ideológico, a grande reforma foi a adoção do Confucionismo como doutrina oficial de Estado, o que alçou a posição desta Escola ao patamar de ideologia estatal.

Foi um período fértil para a cultura chinesa: o taoísmo também se desenvolveu bastante (tanto como filosofia quanto religião), e o Império ainda recebeu a entrada dos primeiros pregadores budistas. A literatura cresceu em todos os campos, estendendo-se pela filosofia (que encontra um período de fusão incomum entre diversas correntes, dando origem aos chamados "pensadores ecléticos"), História (é a época de Sima Qian e de Ban Gu), romance, poesia, teatro, etc. Há uma renovação da arte, promovida pelo contato com novas estéticas vindas do estrangeiro.

Porta incenso taoísta, da época Han. Uma nova arte reflete o espírito desta dinastia, muito mais tolerante que a Qin.

Destaca-se a inventividade da cerâmica, do bronze e o desdobramento de novas técnicas como o relevo e a pintura; "A pintura da dinastia Han inicia na arte chinesa uma linguagem verdadeiramente nova e característica. Se até agora o esplendor dos exemplares modelados no bronze ou no barro ou a preciosidade dos jades talhados nos surpreendem pela capacidade e genialidade de transmitir com extremo rigor formas puras, magníficas de cor, preciosas pelo contorno, e pela intrínseca beleza da matéria, subordinada aos valores da arte, a pintura Han apresenta-nos uma página de vida vívida e amada. [...] É um mundo em si vivido e impossível de repetir, cuja linguagem atinge uma íntima expressão

Digitized by Google

de vida. Se podemos interpretar o caráter de um rito segundo as formas do vaso, se da planimetria de um túmulo podemos deduzir a concepção social de uma civilização, a obra pictórica chinesa fala-nos uma linguagem mais universal, mais fácil e evidente: fascina-nos para nos fazer participar num instante de vida que destrói as distâncias no tempo e no espaço" (Pischel, 1963).

Mapa com a localização da Dinastia Han (em negro, indicação da extensão da Grande Muralha)

Política Han

Os Han desenvolveram ainda mais a expansão do Império em direção ao Oeste. Durante o reinado de Wudi (2-1 a.C.) estabelecem-se contatos com os impérios do Ocidente (Roma e Partia) e com a Índia, abrindo a Rota da seda para difundir suas mercadorias em todas as partes do Mundo Antigo: "A mais importante realização do reinado de Wudi foi sem dúvida a expansão do poder chinês e dos limites territoriais da China, fatos que merecem um exame mais detido. A expansão deu-se em três direções: para o noroeste, para o nordeste e para o sul. O primeiro imperador Han, Gao Zu (Liu Bang), como vimos, teve de enfrentar o problema - que, mesmo naquela época, não era novo - dos nômades das estepes. Os Xiong-nu haviam conseguido uma forte liderança antichinesa ao formarem uma confederação regional de tribos. Havia na corte chinesa uma corrente contrária à solução conciliatória e ao acordo, com base no fato de que as doações feitas aos líderes Xiong-nu aumentavam não só sua riqueza, mas também seu poder de oposição. Por outro lado, a política exterior chinesa de caráter pacífico havia conseguido tirar proveito dos acordos de paz com os nômades, da seguinte maneira: os reféns das tribos que eram

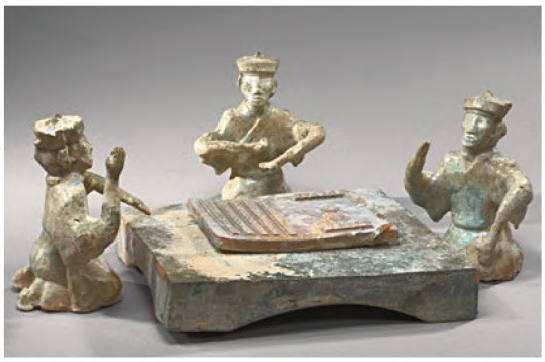
Digitized by Google

enviados à corte chinesa como garantia de bom comportamento não só eram tratados magnificamente, mas também recebiam educação chinesa e até postos nas funções palacianas. Assim, quando voltavam a seus lares, incentivavam amizade com a China e davam oportunidade de os chineses intervirem na política local, quando fosse o caso" (Morton, 1986).

Alguns desses soberanos Han se excederam, porém, permitindo o surgimento de um movimento restaurador chefiado por Wang Mang, que entre 9-22 d.C. fundou a rápida dinastia Qi. Sua proposta de retomar a antiguidade só funcionou durante algum tempo, e após sua morte, a dinastia Han retomou o poder, mantendo-o até o século 3 d.C.

A vida Han

A vida dos Han testemunhou uma série de progressos notáveis também na economia e na tecnologia: "O mundo chinês manifesta, a partir da segunda metade do século 2 a.C., uma vitalidade notável, confirmada pelos testemunhos concordantes dos textos e da arqueologia. Beneficiados progressos conseguidos no decurso desse período, tão rico em inovações, como foi o dos dois séculos que precederam o Império, e das vantagens proporcionadas pela unificação política.



Nesta singela representação do cotidiano Han, amigos jogam uma espécie de Jogo de damas, aludindo a um momento de sua vida comum.

[...] O testemunho de Plínio, o Antigo (37-39), que elogia a qualidade do ferro produzido pelos Seres, corrobora as alusões dos textos chineses às exportações clandestinas de ferro e à difusão das técnicas siderúrgicas, durante a época dos Han, nos oásis da Ásia Central. [...] Mas existiam também empresas privadas criadas por famílias de ricos mercadores. Acontecia o mesmo com as lacas,

Digitized by Google

fabricadas sobretudo no Sichuan e no Henan. Algumas peças encontradas em estações arqueológicas trazem o nome do artífice que dirigiu o seu fabrico e outras não trazem nenhuma marca e poderiam provir de oficinas particulares. As descobertas arqueológicas e as alusões de certos textos deixam supor que as empresas privadas tiveram um papel importante na economia da China dos Han.[...]Verificaram-se nítidos progressos no domínio da produção e das técnicas agrícolas.

Padrão para fundição de moedas, da Época Han.

Os instrumentos de ferro são de melhor qualidade que nos séculos 4 e 3 e o uso do arado puxado por bois generaliza-se. Na época do imperador Wu, foi empreendido um enorme esforço para aumentar a superfície das terras regadas e para valorizar novas terras na China do Norte. Agrônomos experimentados são encarregados de difundir novos métodos de cultura e, a partir de fins do século 1 a.C., certos funcionários esforçam-se por converter à cultura dos cereais as tribos nômades estabelecidas aquém das Grandes Muralhas. [...] Verdadeiramente, mesmo na época em que o controle do Estado sobre a economia do Império era mais eficaz, o governo central contou sempre com os notáveis locais. Uma das particularidades sociais da época dos Han no seu conjunto é, com efeito, a existência de famílias riquíssimas que dirigem simultaneamente empresas agrícolas (produção cerealífera ou agrícola, pastorícia, piscicultura, etc.), industriais (fiação, fundições, lacas, etc.) e comerciais e que dispõem de uma abundante mão-de-obra. Nas regiões onde a agricultura é o recurso principal, estas famílias ricas limitam-se a exercer pressão sobre os camponeses pobres praticando preços usurários e levando os devedores a alugar-lhes as suas terras ou a vendê-las.É, sem dúvida, o caso daqueles mil notáveis, espécie de déspotas rurais, que Wang Wenshu, funcionário de tendência legista, mandou prender e julgar em 120 a.C. Mas, em todos os lugares onde as condições econômicas o permitem, outros recursos vêm juntar-se aos rendimentos agrícolas". (Gernet, 1979).

Tais evidências sobre o processo constante de evolução econômica, política e tecnológica advém de um intenso controle que o império buscara exercer sobre as atividades produtivas - uma marca, evidentemente, do período legista, mas fundamental para compreender a estrutura do pensamento estatal chinês deste período.

Digitized by Google

Sima Qian destaca, em um capítulo do Shiji, a importância que a produção e o comércio alcançam, em sua época, para a vida cotidiana:

"Os homens do campo os produzem [os bens de consumo], os atacadistas os trazem do interior, os artesãos trabalham neles e os mercadores com eles negociam. Tudo isto se verifica sem a intervenção do governo ou dos filósofos. Cada qual faz o melhor que pode e utiliza seu trabalho para obter o que quer. Assim, os preços procuram seu nível, indo as mercadorias baratas para onde são mais caras e dessa forma baixando os preços mais altos. As pessoas seguem suas respectivas profissões e o fazem por sua própria iniciativa. É como o fluir da água, que procura o nível mais baixo dia e noite, sem parar. Todas as coisas são produzidas pelo próprio povo sem que lho peçam e transportadas para onde há precisão delas. Não é verdade que tais operações ocorrem naturalmente, de acordo com seus próprios princípios? O Livro de Zhou diz: "Sem os lavradores, não serão produzidos víveres; sem os artesãos, a indústria não se desenvolverá; sem os mercadores, os bens de valor desaparecerão; e, sem os atacadistas, não haverá capitais e os recursos naturais de lagos e montanhas não serão explorados". Nossos alimentos e nossas vestes vêm dessas quatro classes, e a riqueza e a pobreza variam com o volume dessas fontes. Com isso, em escala maior, beneficia-se um país; em escala menor, enriquece-se uma família. São estas as inevitáveis leis da riqueza e da pobreza. Os argutos têm bastante e poupam, ao passo que os estúpidos nunca têm quanto baste..."

Por conta disso, a experiência dos Han foi definitiva para o estabelecimento do Império chinês. Foi neste momento que a sociedade constituiu a estrutura mais duradoura de sua existência, encontrando seu apogeu, no período clássico, na mesma época Han e depois, com os Tang (618-907 d.C.). Nunca, depois do terceiro século, a China criaria outro sistema imperial que não fosse diretamente inspirado no antigo regime Han. Este foi o marco da antiguidade chinesa, sobre o qual a civilização iria se desenvolver posteriormente.

Digitized by Google

Desdobramentos

O 'Ritual'

A China Antiga, de constituição social e política imóvel e prolongada é, antes de tudo, uma construção histórica recente. Esta civilização possuiu na antiguidade um dinamismo todo próprio, sobre o qual observamos o desenvolvimento e a evolução de práticas culturais e econômicas derivadas, por um lado, dos tempos proto-históricos e, por outro, da interação com povos estrangeiros, em geral de ascendência étnica sino-mongólica. O Mundo chinês era essencialmente agrícola e artesanal, e esse modo de vida, que tanto combateu para dominar e se harmonizar com o meio ambiente se contrapunha, culturalmente, ao sistema de vida nômade do norte, onde havia a prática intensiva da pecuária, criando a dicotomia "sedentário - civilizado" X "bárbaro - nômade".

Como forma efetiva de transmissão dos conhecimentos, os chineses desenvolveram a ritualização (Li) das técnicas produtivas e interativas com a natureza, característica fundamental desta civilização. Na época de Confúcio, muitos desses rituais já haviam perdido seu sentido original, mas continuavam a ser defendidos como modelos ideais de conexão com a natureza e de moral social:

Neste relevo de uma tumba Han, atividades cotidianas como caçar pássaros, peixes e cuidar das plantações são mostradas de forma simples e realista.

"Yen Hui fez perguntas sobre a Bondade (*ren*). O mestre disse: "Aquele que se pode submeter ao ritual (*li*) é Bom. Se (um governante) pudesse um dia submeter-se ele próprio ao ritual, toda a gente debaixo do céu corresponderia à sua Bondade. Porque a Bondade é algo que deve ter a sua fonte no próprio governante; não pode ser obtido de outros". Yen Hui disse: "Peço itens mais pormenorizados disso (a submissão ao ritual)". O mestre respondeu: "Não olhar para nada que desobedeça ao ritual, não escutar nada que desobedeça ao ritual, não falar em nada que desobedeça ao ritual, nunca mexer mão nem pé em desobediência ao ritual". (Lunyu, 12)

Como afirmou Granet, "A vida das aldeias está submetida ao ritmo das estações. No outono e na primavera, realizam-se as

Digitized by Google

assembléias populares reunindo homens e mulheres que se entregam em conjunto a brincadeiras e orgias: concursos para tirar dos ninhos os ovos das aves migradoras, lutas, perseguições, danças e cantos, colheita de plantas silvestres, batalhas de flores, justas em que se defrontam moças e moços numa dança ritmada por meio de canções improvisadas etc.; comedeiras e bebedeiras encerram tais jogos, enquanto se concluem trocas e vendas, à semelhança da própria feira. Quando o ano agrícola termina, efetuando-se então a volta à aldeia, os homens festejam entre si o fim da colheita; a celebração é feita com torneios de prendas. A estação morta vai começar; é ela inaugurada pela cerimônia do Grande No que anuncia a hibernagem dos homens e dos animais; disto participam apenas os homens; há danças com disfarces animalescos, ao som de um timbale de argila, os exorcistas exibem seus talentos, come-se e bebe-se, fazem-se apostas, adormece-se, enfim, na embriaguez, depois de amplas despesas, cabendo aos anciãos a presidência da agitação geral. A festa de Paqa fecha o período ativo que precede imediatamente o inverno; é celebrada pelos velhos da aldeia que, em vestes de luto e com o bastão na mão, convidam os homens a dar início ao retiro, a fim de preparar a renovação de outro ano" (1979). Tudo, pois, estava organizado num infindável ciclo ritual, cíclico e perfeito na visão dos chineses antigos.

Ciência Chinesa

Mas a busca incessante por modelos efetivos de subsistência é que articulou, nos tempos remotos, as idéias de uma ciência chinesa primitiva que seria re-sistematizada no tempo das Cem Escolas. Isso resplandece, também, na forte atribuição que as técnicas tiveram no desenvolvimento material da civilização, contribuindo para os avanços inúmeros obtidos no campo da metalurgia, cerâmica, trabalho artesanal, fabril, etc. E todas essas conquistas foram alcançadas tendo por raiz os sistemas cosmológicos naturais, que sobreviveram até hoje na forma de teorias elementares sobre o espaço, o corpo e a natureza;

"Com a civilização chinesa, chegamos a um panorama do mundo e da ciência diferente, em muitos aspectos, daquele característico do Ocidente. [...] Mas para entender bem suas realizações devemos ter em mente que, desde os tempos mais primitivos, os chineses encaravam o universo como um vasto organismo, do qual o homem e o mundo natural representam apenas uma parte. Esse ponto de vista influenciou profundamente o modo pelo qual eles explicavam os fenômenos

Digitized by Google

naturais; em alguns casos, isso os ajudou a se antecipar ao Ocidente na busca de explicações para muitos fatos; mas, em outros, impediu-os de achar a verdadeira interpretação para o comportamento do mundo. Um segundo fator que também desempenhou papel importante foi a rejeição - ou sua falta de crença - de toda espécie de divindade pessoal onipotente como um poder mais alto a governar o universo. Algumas conseqüências desse fato serão consideradas mais adiante. Os chineses sempre demonstraram um extraordinário senso prático, uma imensa habilidade em aplicar todos os conhecimentos a fins práticos. Entre os povos primitivos, eles eram cientistas práticos *par excellence*, [...] como veremos claramente, não foi apenas em tecnologia que os chineses mostraram seu pioneirismo; eles tinham alguns pontos de vista científicos que eram muito avançados para a época, embora freqüentemente os formulassem em termos práticos". (Ronan, 1986)

É o caso dos avanços obtidos no desenvolvimento da produção que culminaram, por exemplo, com o domínio fabuloso das técnicas de irrigação, principalmente no final dos Shang, quando se tornam uns dos fatores primordiais na estruturação das vidas comunitárias. Igualmente, estas concepções sobre o natural sofriam (e se reproduziam) no campo ideológico, influenciando as organizações sociais.

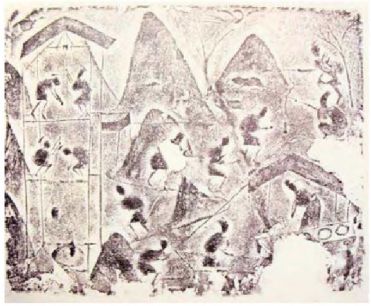
Em outro relevo Han, uma demonstração das técnicas utilizadas no fabrico da seda, envolvendo grandes corporações produtivas e elevado número de trabalhadores.

Por conta disso, no campo científico, os chineses alcançaram, nas mais diversas áreas, avanços significativos que os alçaram à condição de nação mais desenvolvida do mundo até o séculos 17-18 d.C.. Diversas descobertas e invenções, que se julgava existirem apenas no Ocidente, também foram elaboradas e/ou compreendidas pelos mesmos, embora por um outro padrão lógico (a teoria Ying-Yang e da

Digitized by Google

escola dos cinco elementos), o que dá, até hoje, um grande nó na cabeça dos pesquisadores ocidentais pouco acostumados com os sistemas de pensamento chineses, que julgavam estes como apenas representações místicas ou simbólicas.

Desde a época Shang, como vimos, temos um trabalho de metalurgia em bronze avançadíssimo e refinado, junto com métodos arquitetônicos elaborados que produziram uma cultura material poderosa e profusa. Ao longo da época Zhou, outras descobertas foram sendo feitas, mas podemos datar com segurança os conteúdos da ciência chinesa na época Han, quando os mesmos começam a ser catalogados em campos específicos.



Fontes preciosas de informação, os relevos encontrados na Dinastia Han mostram-nos aspectos fundamentais do cotidiano e do trabalho na China Antiga. Neste, observamos a mineração de sal.

Na área agrícola, os chineses dominavam os sistemas de irrigação e drenagem do campo, bem como a semeadura ordenada. Conheciam a adubagem e podiam definir os melhores tipos de cultura para cada tipo de campo. Possuíam, além das ferramentas tradicionais, maquinário agrícola, como moinhos d'água, para auxiliar nas tarefas agrícolas. O artesanato também já era bem desenvolvido, sendo que a cerâmica, conhecida desde a proto-história, alcançou níveis de virtuosismo na era Han. Como citamos, a fundição em bronze e ferro seria reconhecida até no Ocidente Romano pela sua qualidade (Plínio o Velho, em sua *História Natural*, cita sobre as qualidades do ferro chinês, bem como da seda e de outros produtos. Igualmente, no período Qin – Han surge o *Yantienlum*, ou *Tratado do Sal e do Ferro*, que legislava sobre o comércio dos mesmos). Os Han conseguiram, ainda, atingir a produção do ferro cromado e do aço, numa inventividade inaudita para época.

A produção da seda ganha grande impulso, e surge nesta mesma época o papel. Na obstante, os chineses já haviam obtido avanços no campo matemático, conhecendo inclusive o teorema de Pitágoras, embora dessem grande valor ao que achassem ser de uso imediato (É o caso do livro *Jiouzhang Sunshu*, ou *Nove Postulados da Matemática*, datado desta época). Partindo desta perspectiva, eles desenvolveram o ábaco, que até hoje, nas mãos de um expert, vence calculadoras modernas em rapidez. Juntam-se a eles os estudos desenvolvidos no campo astronômico, capazes de possibilitar, pela datação de ciclos

Digitized by Google

estrelares, períodos históricos precisos até o século –9, como os utilizados por Sima Qian. Os chineses haviam construído um armilar que representava estes ciclos, e que acompanhado pela difusão da bússola, do sismógrafo e do relógio d'água (clepsidra), criaram um maquinário singular como demonstração de domínio técnico desta civilização. E para terminar, a já famosa medicina tradicional chinesa aparecia praticando suas técnicas tradicionais, melhorando a qualidade de vida do povo com um método eficaz e seguro de profilaxia.

Reprodução do Sismógrafo de Zhang Heng, período Han

Religião e Poder

Os indícios religiosos na China são variados. Na dinastia Shang, os deuses parecem ser elementos desdobrados das crenças xamânicas em forças da natureza. Existiam deuses para as regiões, para as substâncias, para os animais, etc. Sacrifícios humanos eram realizados nessa dinastia, mas foram gradualmente abolidos pelos Zhou. O que é interessante é a quase total ausência, na religião chinesa, de um mito de criação. Só muito tardiamente uma lenda do gênero surgiria, através do cão Pan Ku (Watson, 1969). A China e os humanos já existem nos primeiros escritos, e elas são um reflexo da ordem do Céu (Tian). Este Céu, que é tudo, significa uma noção natural de cosmos que transcende a existência dos deuses e dos espíritos, uma concepção próxima de uma ecologia natural que engloba as relações entre todos os seres. A origem dos chineses funda-se, pois, na história do seu processo de domínio do território, muito longe de problemas cosmogônicos.

Os chineses antigos basicamente acreditavam em formas primárias de espiritualidade, sem termos certeza de que existiam noções claras sobre alguma forma de reencarnação:

Digitized by Google

"Quando morria alguém, os parentes subiam ao telhado e gritavam bem alto, ao espírito: "Ahoooooo! Fulano, quereis fazer o obséquio de voltar ao vosso corpo?" (Se o espírito não voltava, e a pessoa estava realmente morta) então assavam arroz cru e carne assada para oferendas, levantavam a cabeça para o céu "a fim de ver longe" (wang) o espírito e enterravam o cadáver. O elemento material descia então (à terra) e o elemento espiritual subia (ao firmamento). Os mortos eram enterrados com a cabeça na direção norte, e os vivos tinham suas casas com o frontispício voltado para o sul. Tais eram os costumes primitivos". (Liji, 9)

Representação do ciclo Yin-Yang, denominado de Taiji.

Adotaram também o culto aos antepassados e nas energias da natureza, e parecia existir a idéia de que havia um deus supremo, responsável pela administração do céu e dos outros deuses, além da terra. Desde Shang, os oráculos eram igualmente empregados na descoberta do futuro. Durante Zhou, mas principalmente em Han, a astrologia também se desenvolveu bastante. Um dos conceitos fundamentais do pensamento religioso, que em muito se funde ao das crenças naturais xamânicas é o da polarização das energias em Yang e Yin, ou "positivo e negativo". Estas noções perpassam a organização de todas as coisas, e servirão de base para muitos estudos científicos na civilização chinesa, se manifestando inclusive na formação de uma escola.

A organização da religião chinesa foi, por fim, bastante receptiva a difusão de práticas alquímicas e mágicas ao longo da história. Naturalmente aberta e sincrética, a religiosidade chinesa percebeu, na era Han, a modificação desse panorama com a introdução do budismo, o fortalecimento do taoísmo alquímico como religião e a ascensão do confucionismo como ética de estado, que terminou por absorver também um caráter igualmente sagrado.

Por conta disto, a China Antiga era um lugar onde o poder político se exercia, antes de tudo, pelo atributo cósmico da execução da força. A concepção de Estado, no entanto, significava ideologicamente uma entidade regularizadora da vida cotidiana, cuja função era permitir a reprodução da sociedade e assegurar as ligações com o Céu. Embora responsáveis pelo povo, as diversas formas de governos chineses antigos não inibiram a tirania, mas criaram a consciência da

Digitized by Google

existência de segmentos sociais que haviam de ser observados e, em certa medida, atendidos, sob o risco de revolta e corrupção dos costumes. No texto A Grande Declaração, do Shujing, esta concepção já está manifesta: "O Céu se compadece do povo. O Céu realiza aquilo que o povo deseja".

O Calendário

A manipulação do Calendário, por exemplo, é um desses atributos de poder. Desde os Zhou, (mas com uma maior intensidade na época Han) os monarcas se encarregavam de promulgar as datas de plantio, colheita, regulação de atividades econômicas e sociais, etc.; "Durante cada mês de primavera, o Filho do Céu ocupa um dos três quartos do Mingtang situados a leste e neles circula ritualmente num carro em forma de fênix ornamentado de bandeiras verdes, ao qual se atrelam dragões verdes. O Soberano veste-se de verde, cor da Primavera, e adorna-se de jade, a fim de estar em harmonia com a cor dos bosques. Nos meses de verão, o Filho do Céu passa a morar nas salas do lado sul do Mingtang (na China antiga, a posição do sul era invertida em relação à. que lhe atribuímos no Ocidente, isto é, os aposentos do sul, no Mingtang, ficavam no ápice do quadrilátero do edifício). O carro em que circula é então vermelho, bem como as vestes do Soberano e os jades ornamentais. Os cavalos são ruços, de caudas negras. O fogo, elemento do verão, tem a propriedade de elevar-se: proibidos são, pois, os trabalhos que impliquem em aplainar a terra, bem como em cortar árvores altas. Indultos são concedidos aos criminosos. Recomenda-se o retiro e evita-se o excesso de agitação. É o momento da separação máxima entre o Yin e o Yang e, portanto, tudo convida à meditação e não às atividades corporais. A vida sexual, própria da primavera, deve reduzir-se ao mínimo. O sopro vital deve ser conservado e não sofrer agitações através de paixões. No verão não se fazem guerras. Seguindo-se ao terceiro mês de verão, há um período intermediário em que o Filho do Céu, no aposento central do quadrilátero do Mingtang, simboliza estar no eixo de seu reino. De lá ele observa o "ciclo dos astros em torno da Viga Celeste (Tianji)", constituída essa pela constelação da Ursa Maior. O Filho do Céu veste-se então de amarelo (cor da terra), circula num grande carro feito de uma prancha quadrada (símbolo da Terra), a qual cobre um pálio arredondado (símbolo do Céu). O Imperador, colocando-se entre um e outro símbolos, representa o Intermediário Supremo no eixo do

Digitized by Google

mundo. O Outono, por sua vez, é uma estação de justiça e repressão. É quando o Yang, força positiva, declina e perde terreno para o Yin, pólo negativo. O Filho do Céu, acompanhando o ritmo natural do Universo, passa a viver a oeste do Mingtang, lado do sol poente. O gavião lança-se, no outono, à caça e à morte. O Soberano imita-o e circula no seu carro de guerra, ao qual se atrelam cavalos brancos de crinas negras. O Filho do Céu veste-se de branco, cor do luto na China. Seus jades são brancos e ele alimenta-se de plantas fibrosas e carne de cão. Impera o metal, elemento de que se fazem as armas. No Outono é propício castigar os opressores e os negligentes. As prisões são reparadas. O Céu e a Terra começam a mostrar seu rigor. A pena de morte pode, então, ser aplicada aos crimes sérios. Não há mais liberalidade e feudos não podem ser distribuídos aos vassalos: a época é de recolher e não de conceder. Devem construir-se muralhas e edificar-se cidades. Os depósitos de cereais devem estar repletos, à espera do Inverno. No último mês do Outono, há o retorno dos campos, onde se passa a vida na primavera e no verão; o fogo, que se acendera nas regiões do plantio, "é levado às cidades e vilas". Interrompem-se as atividades nos campos. No Inverno, o Filho do Céu retira-se para a "Sala Escura" (Xuantang) no Mingtang, situada ao norte do Palácio (isto é, na parte inferior do quadrilátero, pois como o norte corresponde ao elemento água, sua propriedade é descer e não elevar-se, como o fogo). "O Sopro Celeste ausenta-se da Terra; o Sopro Terrestre afunda num abismo". Como no Verão, quando existe um afastamento entre Céu e Terra, também no Inverno (já que os opostos se tocam) "não há mais comunicação entre um e outro". "Tudo está finalizado, tudo está fechado: é então que o Inverno se instala". Para aumentar a energia vital e renovar as alianças humanas, organizam-se grandes festas, em que todos se alcoolizam. O Soberano, no Xuantang, circula num carro de cor escura, ao qual se atrelam corcéis cinza - ferro. Suas roupagens são negras, ornamentadas de jade azul - escuro. Como no verão, o sábio, no momento em que Yin e o Yang estão em conflito, retira-se e permanece em repouso. Ele procura atingir urna paz interior que auxilia o Yin e o Yang a reencontrarem tranqüilidade. Sacrifícios são realizados no último mês de inverno, a fim de que o novo ano, já próximo, seja propício. Finalmente, o Rei promulga um novo calendário" (Jopert, 1979).

Se o Calendário falhava, a população em geral (incluindo grupos da elite) tendia a achar que os soberanos não estavam mais preparados

Digitized by Google

para administrar a vida do império, o que levava a conflitos contínuos contra os piores monarcas.

De fato, o pensamento chinês sempre calcou sua alternância entre o pragmatismo necessário à sobrevivência com uma perspectiva ideal de organização natural-social. Um dos elementos fundamentais dessa civilização é sua interminável busca pela harmonia com o cosmo; sobrevivência, talvez, dos tempos em que os antigos habitantes proto-históricos lutavam para compreender o meio ambiente que os cercava e aproveitá-lo da melhor forma possível.

Este pensamento, porém, como tudo mais que a China produziu, sofreu uma ação benéfica do tempo, que o aperfeiçoou e o tornou complexo e sutil. A evolução abrangente da cultura material chinesa se deu graças ao longo tempo de maturação pelo qual passou, apresentando-se ao mesmo tempo variada e uniforme em alguns aspectos. Disso os chineses antigos tiraram a importante lição de articular a linguagem ao real, tendo em vista sua crença na atuação da palavra escrita e falada como reprodutoras, suscitadoras da ação mental no plano físico; "Ao analisar a ciência primitiva dos chineses, os historiadores observaram uma vantagem, ausente no estudo da ciência de qualquer outro povo: a escrita chinesa. Os ideogramas exprimem uma idéia e não o som da palavra que representa essa idéia; portanto, a escrita chinesa permanece essencialmente a mesma, desde os tempos antigos, e assim, hoje, pode-se ler um texto primitivo com a mesma facilidade com que se lê um texto moderno" (Ronan, 1986).

O Cotidiano

Como foi dito, houve uma preocupação muito forte, desde o início, com a questão da sobrevivência e da reprodução dos modelos efetivos de produção. Isso ocorria em virtude da grande população chinesa, que subsistia através da produção agrícola e da criação de animais, além da caça e da pesca.

Digitized by Google

Modelo de casa da Dinastia Han

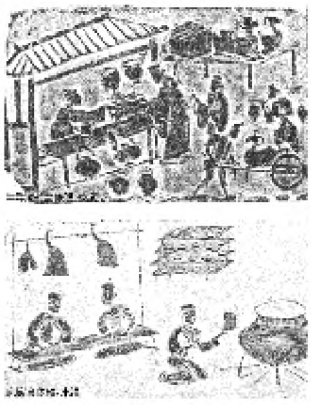
As primeiras culturas rurais foram as de arroz e painço, embora outros cereais fossem produzidos. Porcos eram também criados, além de galinhas, mas os chineses comiam basicamente qualquer espécie de carne. Os períodos de escassez eram constantes, e o terreno exigia um preparo cuidadoso, que envolvia por vezes irrigação e adubagem cíclicas. Por estes motivos, os soberanos desde cedo foram obrigados a elaborar calendários agrícolas como uma de suas funções sagradas. Um ano de desgraça ou de fome significava a perda de bênçãos por parte do Céu, levando a ruína de sua credibilidade. Obviamente, as classes mais altas da sociedade tinham recursos para consumir os mais variados produtos, e se quisessem, até importá-los; mas a maior parte da sociedade vivia mesmo no campo ou de trabalhos secundários e artesanais, presentes na cidade, e por conseguinte sua vida era um tanto quanto difícil neste aspecto.

A sociedade chinesa era organizada em princípios feudais não muito rígidos desde a época Shang, mas durante a época Zhou este sistema atinge seu apogeu e se estrutura de forma semelhante a que seria encontrada posteriormente na Europa medieval. Economicamente, as relações produtivas estavam próximas de uma fusão entre este mesmo sistema feudal articulado ao modo de produção comunitário; no entanto, no aspecto social, havia uma mobilidade social bem maior, levando em conta que os fatores nobiliárquicos ou religiosos não impediam a ascensão social de um camponês, por exemplo. Isso dependia, basicamente, de suas posses e da educação que pudesse obter. Dominando ambos, ele poderia ser promovido, ganhando um título, e faria parte do grupo dos nobres que se divertiam com jogos, músicas e caçadas de grande porte.

Esta vida concentrada no poder feudal estava vinculada à imagem do Imperador, homem sagrado que havia recebido um mandato do céu para harmonizar a vida social e por a civilização chinesa no andamento do ciclo cósmico. As atribuições de seu poder variavam, e embora ele fosse tido como sagrado, por vezes alguns imperadores foram derrubados por nobres que julgavam que ele havia perdido seu mandato celeste; assim sendo, o "filho do céu" tinha poder enquanto tivesse respeito, ou uma casa nobre bem forte amparando-o nos

Digitized by Google

bastidores do poder. O próprio filósofo Mengzi já admitia que, "não mais atendendo o anseio dos povos, o imperador já perdeu o sentido de sua função".



Imagens simples do cotidiano, tais como ir ao mercado fazer compras ou cozinhar são mostradas aqui, nestes afrescos Han.

Esse jogo de relações muda radicalmente com a dinastia Qin. A criação de uma burocracia forte e centralizada na figura da casa imperial, em detrimento dos poderes feudais, manifestava a preocupação dos novos governantes em limitar as forças de caráter local, bem como criar um mecanismo de ascensão social para as classes menos favorecidas através do trabalho estatal. Não é de se estranhar tal processo de reformas, já que o fundador da dinastia Han, Liu Bang, era provavelmente um camponês ou pequeno funcionário da corte. Mas aí encaramos uma questão: onde ele havia se educado? E como teria atingido este posto, tendo sido, talvez, apenas um humilde funcionário?

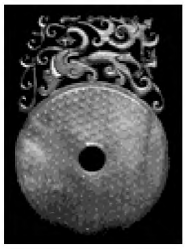
Letrado do período Han

De fato, a melhor educação dessa época era a paga, e as famílias que podiam contratavam um bom tutor para educar seus filhos nas mais diversas artes. Mas existiam também escolas abertas ao público, embora não saibamos ao certo seu funcionamento, elas parecem ter obtido um certo sucesso. O que inferimos, com clareza, é que depois do período Qin esses centros educacionais se preocuparam em preparar alunos para os concursos estatais que começaram a surgir, em função dos diversos cargos que a burocracia oferecia. Durante a época Han, com a eleição do confucionismo como doutrina oficial, essa prática atingirá seu grau máximo, e o valor da educação será manifestado pela criação de escolas públicas em todo país, bem como de centros de estudos de alto nível, algo correspondente às nossas universidades. De fato, os chineses sempre deram valor à educação, e na Antigüidade, apesar da escrita complexa, parece ter sido o povo que mais sabia ler e escrever.

Digitized by Google

A escrita chinesa é um fator importante: ela não é alfabética, mas pictográfica, ou seja, composta de símbolos que possuem um código específico. Até Qin, existiam várias formas de escrita, mas unificação por ele empreendida uniformizou os pictogramas e ideogramas, permitindo que o chinês fosse mais facilmente compreendido. Tal foi o sucesso deste programa que ainda hoje lemos este mesmo conjunto de símbolos, sendo alguns modificados apenas pelos Chineses comunistas em período recente.

Exemplar de Escrita Regular



Exemplar de Jade, período Han

A escrita também se transformou numa arte, e a caligrafia uma técnica de estilos variados e impactantes. Os chineses dominavam no campo artístico a música (uma escala de apenas 5 tons, tais como os elementos), a pintura, a escultura e a fundição. Tal foi a maestria nessas técnicas que a descoberta da tumba do imperador Qin, por exemplo, causou espanto quanto foi constatado que dos milhares de soldados lá esculpidos em terracota, o rosto de cada um deles era diferente!

Esses avanços técnicos se refletiram igualmente na medicina, que ainda hoje evolui tendo por base os conhecimentos da Antigüidade. Formas antigas de exercícios físicos, aliados as técnicas clínicas e terapêuticas criaram um conjunto de práticas medicinais que com certeza foram as mais avançadas e eficientes do mundo antigo.

É impossível agrupar de forma completa os aspectos diversos da vida cotidiana na antiga civilização chinesa. Podemos falar do sismógrafo, da bússola, do papel e de outras criações, mas a clivagem que podemos realizar diante destes apontamentos é que a cultura chinesa criou um sistema abrangente de soluções para seus problemas materiais, evoluindo a partir disso para um modo de vida complexo e organizado, onde a funcionalidade do modelo estrutural era o fator organizativo fundamental na construção de sua sociedade.

De qualquer forma, é interessante notar que tanto na vida urbana quanto na rural encontramos uma noção familiar forte, que se manifesta no agrupamento de várias gerações dentro de uma mesma casa. Não havia uma divisão sexual forte, pelo menos até o período de maturidade dos meninos (20 anos) e das meninas (15 anos), e em geral as famílias se dedicavam as mesmas atividades de trabalho. No espaço público, os chineses encontravam um momento de confraternização, através de peças de teatro, apresentações de música, jogos, do mercado

Digitized by Google

ou nas casas de banho. Todos os assuntos são inicialmente tratados aí, até que se julgue conveniente trazê-los para dentro de casa ou não. Sujeitos à lei e a ordem celeste determinada pelo Imperador, os chineses tendiam a conjugar sua ação e seu modo de vida não somente através deste cotidiano como também, pelo calendário.

A Guerra

A civilização chinesa não podia deixar de possuir seu aspecto bélico. São inúmeros seus manuais de guerra, e tendo inovado em termos de tecnologia militar, escreveram também tratados sobre táticas e sistemas de combate até hoje estudados. É o caso clássico do livro de Sunzi, a *Lei da guerra*, onde a guerra já era tratada como questão de Estado, mas com toda uma gama de implicações sociais:

"Sunzi disse: a guerra é de vital importância para o Estado; é o domínio da vida ou da morte, é o caminho para a sobrevivência ou a perda do Império: é preciso manejá-la bem. Não refletir seriamente sobre tudo o que lhe concerne é dar prova de lastimável indiferença no que diz respeito à conservação ou à perda do que nos é mais querido; e isso não deve ocorrer entre nós". (Sunzi, 1)

General Qin

Até os tempos Zhou, a guerra chinesa era basicamente feita a pé, enquanto os nobres dispunham de carros de combate altamente desenvolvidos. Na época dos Han, além de desenvolver uma ágil cavalaria, eles empregaram também uma besta (provavelmente criada no período dos estados combatentes), arma precisa que só surgiria no Ocidente séculos depois. Apesar de desenvolver também eficientes técnicas de assédio, grande parte da mentalidade defensiva chinesa manifesta-se na construção da muralha, que na verdade é uma obra de ligação entre outras diversas pequenas muralhas realizada pelo imperador Qin shi Huangdi. Desde a época dos Zhou, a China foi obrigada a se confrontar com hordas bárbaras vindas do norte, de provável origem sino-mongólica. Pouco sabemos sobre eles, além de que deviam ser seminômades, mas que aparentemente possuíam uma organização política confederada e unida. Era vital, portanto, que os chineses muito cedo se preocupassem em organizar exércitos fortes, fossem para combater seus inimigos externos ou internos. Os números de soldados envolvidos nas batalhas por vezes parecem exagerados.

Digitized by Google

Mas desde a época dos estados combatentes, eles vão se tornando aterradoramente grandes e reais.

Durante a era Qin e Han, os imperadores deram uma guinada nessa situação. Organizaram um exército profissional por um sistema de conscrição - ao invés de recrutar o campesinato somente em períodos de guerra-, realizaram ações decisivas para desarticular o poder dos bárbaros e, ao mesmo tempo, iniciaram uma grande campanha de difusão da seda e de seus produtos pelo oeste, além de divulgar sua cultura. Essa concepção cosmopolita atraiu aliados de diversos pontos da Ásia, permitindo que as fronteiras do Império pudessem se expandir em todas as direções. Os Han procurariam também consolidar a rota da seda, e buscariam uma aliança com os romanos (por eles chamados de Da Qin) contra os An Xi (para nós, Partos) que atrapalhavam seu comércio no Ocidente. Já a Índia sob domínio Kushan se aliaria aos chineses, e ambos viveriam um período de intensas trocas comerciais e culturais.

Soldado do período Han de cerâmica, e a representação de um guerreiro, da mesma época, com a armadura padrão de ferro.

Neste afresco Han, uma longa comitiva aparece ilustrada pela presença de uma carruagem nobre, acompanhada de cavalheiros de escolta e bagageiros.

Digitized by Google

Conclusões

Diante deste quadro podemos observar, por fim, que a antiga civilização chinesa criou os necessários parâmetros pelos quais desenvolveu uma estrutura de vida que, em todo seu dinamismo, teve uma preocupação intensa em salvaguardar o antigo, fomentando a criação de um imaginário capaz de se sobrepor ao real.

As contraposições entre a cultura material e a tradição histórica clássica denotam a intensa necessidade que temos de continuar estudando a civilização chinesa em seus variados nuances que nos apresentam, acima de tudo, a possibilidade de repensarmos a nós mesmos quando defrontados com uma concepção eficaz de compreensão do mundo que diferia (e ainda, difere) em muito dos nossos métodos de percepção naturais e científicos. A China antiga se fez presente no mundo clássico graças a uma cultura poderosa e atraente, que neste período constituía-se num centro gerador de hábitos, técnicas e valores. É impossível pensar o mundo antigo, por conseguinte, ignorando o papel deste gigante que abraçava a Ásia com sua civilização. E, por isso mesmo, o estudo da China será sempre uma oportunidade de reavaliar as nossas opiniões em qualquer campo de estudo. Finalizemos com a sábia indicação de Confúcio sobre como estudar os clássicos – e quem sabe, estudar a própria China:

"Confúcio disse: Assim que entro num país, posso dizer facilmente o seu tipo de cultura. Quando o povo é gentil e bom e simples de coração, isto se demonstra pelo ensino da poesia. Quando o povo é esclarecido e cioso de seu passado, isto se demonstra pelo ensino da história. Quando o povo é generoso e disposto ao bem, isto se demonstra pelo ensino da música. Quando o povo é quieto e pensativo, com agudo poder I de observação, isto se demonstra pelo ensino da filosofia das mutações (I Ching, ou Livro das Mutações) . Quando o povo é humilde e respeitoso, sóbrio de costumes, isto se demonstra pelo ensino da li (princípio da ordem social). Quando o povo é culto na maneira de falar, ágil nas figuras e na linguagem, isto se demonstra pelo ensino da prosa (Chunqiu, ou Livro das Primaveras e dos Outonos). O perigo do ensino da poesia é que o povo continua ignorante ou demasiado simplório; o perigo do ensino da história é que o povo chegue a imbuir-se de falsas lendas e narrativas; o perigo do ensino da música é que o povo se se tornou extravagante; o perigo do ensino da filosofia é que o povo fique desnaturado; o perigo do ensino da li é que os rituais se tornem muito

Digitized by Google

afetados; e o perigo do ensino do "Livro das Primaveras e Outonos" é que o povo se deixe contaminar pela confusão moral dominante. Se um homem é gentil e bom e simples, mas não ignorante, decerto será profundo no estudo da poesia; se um homem é esclarecido e cioso do seu passado, mas não imbuído de falsas lendas e narrativas, decerto será profundo no estudo da história; se um homem é generoso e disposto ao bem, mas não extravagante em seus hábitos pessoais, decerto será profundo no estudo da música; se um homem é quieto e pensativo, com agudo poder de observação, mas não desnaturado, decerto será profundo no estudo da filosofia; se um homem é humilde e respeitoso e sóbrio em seus hábitos, mas não afetado nos rituais, decerto será profundo no estudo de *Li*; e se um homem é culto na maneira de falar, ágil nas figuras e na linguagem, mas não contaminado pela confusão moral dominante, decerto será profundo no estudo do Livro das primaveras e Outonos". (Liji, 26)

No Pavilhão, o Nobre recebe a visita de seus discípulos e servos. Cercado de animais, cavalheiros e até mesmo de um xamã (lado direito, ao meio), a síntese da vida política e social Han transparece em mais este relevo, mostrando aspectos diversos de toda sua complexidade e riqueza.

Digitized by Google

Bibliografia

A bibliografia que aqui apresento é temática e sucinta. Não tem por objetivo ser exaustiva ou completa, mas serve apenas para indicar textos que sejam mais acessíveis ao público em comum. Daí, também, minha opção por vincular a maior parte do material em português, salvo em casos específicos.

Na internet, consulte a página do *Projeto Orientalismo*:

www.orientalismo.blogspot.com e acesse os links na seção *Outras Páginas*

Fonte das Imagens:

www.asiart.com

www.chinapage.com

www.chinaknowledge.de

Manuais de História Chinesa:

Gernet, J. (1969) **A China Antiga**, Lisboa e (1979) **O Mundo Chinês,** Lisboa: Cosmos; Joppert, R. (1979) **O Alicerce Cultural da China**, Rio de Janeiro: Avenir e Morton, W. (1986) **China - História e Cultura,** Rio de Janeiro: Zahar. Uma excelente introdução ao tema está presente também em Blunden, C. (1997) **China**, Edições Del Prado: Madrid. Sobre história a cultura na China Antiga, o insuperável Granet, M. (1979 - data original, 1930) **Civilização chinesa** (2 volumes), Rio de Janeiro: Ferni. Sobre Arqueologia, os livros de Watson, W. (1969) **China** e **China Antiga** (ambos) Lisboa: Verbo.

Pensamento Chinês:

Granet, M. (1997) **O Pensamento Chinês**, Rio de Janeiro: Contraponto; Kaltenmark, M. (1982) **A Filosofia chinesa**, Lisboa: Gradiva e o texto de Chan Wing Tsit (1979 - original, 1939) *História da Filosofia Chinesa* em Moore, C, (org.) **Filosofia: Oriente, Ocidente**, São Paulo: Cultrix-Edusp.

Digitized by Google

Traduções:

Grande parte dos textos traduzidos para o português são das escolas filosóficas. Uma boa antologia é a de Yutang, L. (1957) **Sabedoria da Índia e da China**, Rio de Janeiro: Pongetti. Os livros clássicos do Confucionismo podem ser encontrados nas traduções do Padre Joaquim Guerra (1978-1984), editadas em Macau. Constituem-se do **Quadrivolume de Confúcio**, **Mâncio**, **Escrituras Selectas** (Shujing), **Livro das Mutações** (Yijing), **Livro das Canções** (Shijing) e **Quadras de Lu e sua Relação Auxiliar** (Chunqiu e Zuozhuan), e o **Livro do Cerimonial** (Liji). Sugiro ainda a excelente versão do Lunyu de Anne Cheng (1991) **Conversações de Confúcio**, Lisboa: Estampa e a famosa tradução do livro das mutações de Wilhelm, R. (1986) **I Ching**, São Paulo: Pensamento. As traduções taoístas mais indicadas são a de Wilhelm (1988) **Tao te King**, São Paulo: Pensamento e a de Watson, B. (1986) **Escritos Básicos de Chuang-tzu,** São Paulo: Cultrix. O **Neijing** foi traduzido pela editora Domínio Público (Rio de Janeiro, 1991) e o livro **Arte da Guerra** tem uma boa tradução de Cleary, T. (2000) São Paulo: Cultrix; já o livro de **Shang Yang** tem uma única tradução pela editora Europa-América (Lisboa, 1999).

Leitura Complementares:

Aymard, A. (1957) *China Antiga* em Crouzet, M. (org.) **História geral das civilizações**, Lisboa e Aymard, A. (org.)(1957) **Aspects de la Chine**, Paris: Puf [contém os textos de Guinard e Paul-David]; Difel; Barnes, G. (1993) **The rise of civilization in east asia**, London: Thames and Hudson; Escarra, J. (1939) **La Chine**, Paris; Palmer, M. (1993) **Elementos do Taoísmo**, Rio de Janeiro: Ediouro; Said, E. (1990) **Orientalismo**, São Paulo: Companhia das letras.

Digitized by Google

子曰溫故而知新可以為師矣

Sábio é aquele que, por meio do antigo, descobre o novo.
Confúcio, Lunyu, 2-11

VERSÃO DE 2007. ISBN: 978-85-65996-11-2

Digitized by Google